



LENDA DA GRALHA-AZUL - PARANÁ

Lenda da Gralha-azul Paraná

De acordo com a lenda, há muito tempo, a gralha-azul era apenas uma gralha parda, semelhante a outras de sua espécie. Mas um dia, a gralha-azul resolveu pedir para Deus lhe dar uma missão que lhe faria muito útil e importante. Deus lhe deu um pinhão, que a gralha pegou com seu bico com toda força e cuidado. Abriu o fruto e comeu a parte mais fina. A outra parte mais gordinha resolveu guardar para depois, enterrando-a no solo. Porém, alguns dias depois ela esqueceu o local onde havia enterrado o restante do pinhão. A gralha procurou muito, mas não encontrou aquela outra parte do fruto. Porém, ela percebeu que nasceu uma pequena araucária na área onde havia enterrado a semente. Então, toda feliz, a gralha-azul cuidou daquela árvore com todo amor e carinho. Quando o pinheiro cresceu e começou a dar frutos, ela começou a comer uma parte dos pinhões e enterrar a parte mais gordinha (semente), dando origem a novas araucárias. Em pouco tempo, conseguiu cobrir grande parte do estado do Paraná com milhares de pinheiros, dando origem à floresta de Araucária. Quando Deus viu o trabalho da gralha-azul, resolveu dar um prêmio a ela: pintou suas penas da cor do céu, para que as pessoas pudessem reconhecer naquele pássaro- seu esforço e dedicação. Assim, a gralha, que era parda, tornou-se azul.

Fonte: <http://www.lendas-do-parana.noradar.com/lenda-da-gralha-azul/>

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Agatha Cristine da Silva Quirino – 4º ano

Escola Municipal Dacia Figueiredo Fortes

Professora mediadora: Anna Paula Soares dos Santos

Paranavaí – Paraná





ORIGEM DO NOME DA CIDADE DE CASCAVEL - PARANÁ

Origem do nome da cidade de Cascavel Paraná

O termo 'cascavel' origina-se de uma variação do latim clássico "caccabus", cujo significado é 'borbulhar d'água fervendo'. Segundo a lenda, o nome surgiu de um grupo de colonos que, pernitando nos arredores de um rio, descobriram um grande ninho de cobras cascavéis, denominando então o local como "Cascavel". A sonoridade do guizo originou o nome da serpente: do latim "tinnabulum", literalmente "o badalar do chocalho". Símbolo de poder e sabedoria, a serpente era cultuada na antiguidade.

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/historico>

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Aline Vitória Zieger – 5º ano

Escola Municipal Rev. Darci M. Gonçalves

Professora mediadora: Eldir de Fátima Vanzin

Cascavel – Paraná





LENDA DO HOMEM DO SACO - PARANÁ

Lenda do Homem do Saco Paraná

Conta a lenda que todo menino peralta devia se preocupar com um senhor de idade já bem avançada que andava por aí com um enorme saco nas costas, era o chamado velho do saco. A lenda não lhe dá nome e nem é bem clara em suas características, só dizia ser um velho de roupas rasgadas, dentes pretos e ralos, dizia também ser corcunda. Contavam que o velho do saco pegava meninos malcriados e que faziam travessuras, meninos que desrespeitavam os pais e bagunçavam nas escolas, colocava dentro do saco e levava para a casa dele. Também não dizia o que acontecia com os meninos capturados pelo velho e nem citava como exemplo algum dos que tinham sido vítimas do saco. Por causa dessa história, muitos meninos passavam a se comportar em suas casas, escolas, e com respeito diante dos mais velhos. Era o efeito velho do saco.

Fonte: <https://www.mitoselendas.com.br/2013/09/a-lenda-do-velho-do-saco.html>

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Ana Beatriz da Costa Doneda – 3º ano

Escola Municipal Deusdete Ferreira de Cerqueira Neto

Professora mediadora: Cintia Rosa da Silva

Paranavai – Paraná





LENDA DO DIAMANTE DE TIBAGI - PARANÁ

Lenda do Diamante de Tibagi

Tibagi – Paraná

Uma história tão linda, eis que agora vou contar: um homem alegre e forte num rio foi garimpar. Passou horas de desafio, cansado, com sono e dor, enfrentou o calor e o frio, disse enfrentar o que for. Com o tempo ganhou esperança de, no rio Tibagi, um bom diamante encontrar. Daria presentes às crianças e comida ao pobre que precisar, com isso em mente foi trabalhar. Cavando em busca do mineral, este homem valente ficou contente, alegrando muita gente com um lindo diamante, que um dia conseguiu encontrar. Com a ajuda de Deus e apoio dos amigos seus, no rio Tibagi foi cavando sem parar. Quando peneirava para lá e para cá, viu um brilho na água clara. Quase perdeu de vista, mas conseguiu segurá-lo. Tão raro. Termine de contar uma história, que apreço e guardo na memória!

Fonte:

Ficha preenchida por Gilmar de Jesus Oliveira

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Ana Clara Ferreira dos Santos – 3º ano

Escola Municipal Cecília Meireles

Professora mediadora: Rosana de Lima Vidal

Indianópolis – Paraná



Fecomércio PR
Sesc | Senac | IFRP

Sesc





LENDA DO HOMEM-BOI - LIDIANÓPOLIS - PARANÁ

Lenda do Homem-Boi Lidianópolis – Paraná

Figura folclórica que possui apenas um olho, localizado na testa. Conta-se que quando um barco com pescadores passa, ele atira pedras para assustá-los, com a finalidade de virar o barco, para que os peixes do local não sejam pescados, já que os peixes do barco retornam ao rio.

Fonte:

Ficha preenchida por Bruna Giseli Silva.

https://cidadao.pr.gov.br/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Anderson Daniel de Borba – 5º ano

Escola Municipal Antonio Rockembach

Professor mediador: Mauri Gilberto Merten

Marechal Cândido Rondon – Paraná



**Fecomércio PR**
Sesc | Senac | 1770

**Sesc**





LENDA DA ARAUCÁRIA INSPIRADA NO PROJETO BEZALEL - CASCAVEL - PARANÁ

Lenda da Araucária inspirada no Projeto Bezalel Cascavel – Paraná

Esta ilustração teve como inspiração o Projeto Bezalel que é desenvolvido no bairro Sanga Funda na cidade de Cascavel. Este projeto tem como objetivo reforçar os laços da comunidade através da arte urbana, colorindo o cotidiano das pessoas, trabalhando a autoestima dos moradores além de levar alegria às casas do bairro através do grafite. A lenda ilustrada conta sobre duas tribos de índios inimigos. Um certo dia, o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

Renato Augusto Carneiro Jr. Coordenador. Lendas e Contos Populares do Paraná. 21. Ed. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Bianca Aparecida Z. Scheunemann – 5º ano
Projeto Social Eureca II – Espaço de União, Recreação e Educação da Criança e Adolescente

Educadora mediadora: Yasmim Bernardi Braz
Cascavel – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

Da Boca do Povo à Cultura da Gente. Palmeira, Escola Est. São Judas Tadeu, 2002. p. 25. In: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Carolina Udo Junqueira Rufino – 5º ano

Escola Municipal José Brunetti Gugelmin

Professora mediadora: Vanessa Guimarães

Pinhais – Paraná





LENDA DA IGREJA MATRIZ - LAPA - PARANÁ

Lenda da Igreja Matriz Lapa – Paraná

Conta a lenda que debaixo da Igreja Matriz existe uma cobra muito grande que está adormecida, que de tão grande que é, a cabeça começa na igreja e termina com o rabo no Monge.

E o Padre São João Maria contava que quando o povo perder a fé a cobra vai acordar e a cidade vai ser destruída, onde todos irão morrer.

*Fonte:
Cultura oral popular.*

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Danieli Maria Hukan – 5º ano

Escola Municipal do Campo Brasilino Ferreira de Almeida

Professora mediadora: Daniele Rodrigues da Silveira

Lapa – Paraná





LENDA CHAPÉU DO SOL - PAULO FRONTIN - PARANÁ

Lenda Chapéu do Sol

Paulo Frontin – Paraná

Chapéu do Sol é um lugarejo às margens do Rio Iguaçu, considerado o "marco inicial" do município de Paulo Frontin. O início da conquista e ocupação do território paranaense pelos portugueses data de meados do século XVII. De uma forma geral, a penetração no interior do território, descoberto um século antes, só se mostrou possível graças primeiramente à ajuda indígena e depois com a utilização de caminhos naturais já existentes, como por exemplo, trilhas naturais e rios. No caso dos rios, à medida que avançavam, os lusitanos fundavam entrepostos de povoamento. Um desses entrepostos foi Chapéu do Sol. O primeiro relato escrito desse lugarejo é datado do ano de 1886, feito pelo Visconde de Taunay, então Presidente da Província do Paraná, em viagem de barco a vapor pelas águas do velho Iguaçu, descrevendo-o da seguinte forma: "Hora e meia depois, às 10h15, parou o vapor junto a um porto, no lugar denominado Chapéu de Sol, para tomar lenha, desembarcando todos nós e acolhidos com muita alegria pelos moradores de duas casinholas próximas, que ofereceram galinhas, ovos, leite, melancias, recebendo em retribuição dinheiro, doces e biscoitos. Mora ali essa pobre gente em um recanto da zona de vagabundagem e correrias de indômitos bugres, a cujos assaltos estão sujeitos. O pai de uma rapariga e o marido de uma mulher, que ainda lá habitam, haviam sido, no ano passado, mortos a flechadas, quando trabalhavam nas roças; e suas sepulturas, amparadas por grandes cruzeiras feitas de fresco, dão melancólica majestade à solitária barranca." Atualmente, o lugar está deserto, sua paisagem lavrou a perder de vista. Apesar disso, existe ainda uma igreja abandonada, onde algumas pessoas mais antigas da cidade dizem que aparece, nas noites mais escuras, uma assombração em forma de noiva, buscando por alguém que torne-se seu amado eternamente.

Fonte: Taunay, Alfredo de Escagnolle, Visconde de, 1843-1899. Paisagens brasileiras / Visconde de Taunay. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Diandra Geiza Leszak – 5º ano

Escola Municipal do Campo Carlos Gomes

Professora mediadora: Marli Terezinha Retkva Choinacki

Paulo Frontin – Paraná





LENDA DO DIABO DE CAPANEMA - CAPANEMA - PARANÁ

Lenda do Diabo de Capanema

Capanema – Paraná

Certa feita, um carroceiro gritava com seus bois, fatigados pela carga excessiva de toras de peroba. Era ajudado por seu filho, que chicoteava grosseiramente os animais, não avaliando que era impossível os bois saírem do local, um lamacento buraco. Os bois respiravam aos sufocos, largando uma saliva espumosa pela boca, enquanto o homem esbravejava. Aos urros e berros ecoantes, com blasfêmias de todas as espécies e contra as divindades, os animais se contorciam de um lado para outro, sem o efeito esperado que o carro pudesse ser removido dali. O homem recorreu a todos os santos e demônios; por fim, gritou: “talvez quem pudesse nos ajudar, só mesmo o diabo!”. E o seu santo, naquela hora, passou a ser o demônio, para resolver uma situação que se encontrava sem remédio. Repentinamente, ouviu-se um barulho, com grande clareza e um pouco de fumaça. Lá estava “ele” sobre as toras amarradas na carroça atolada, lançava pela boca e olhos uma lasciva chama avermelhada e observava o carroceiro atônito. O carroceiro pôs suas mãos no bolso à procura de um rosário e encontrou somente fumo de rolo. Tentou se lembrar dos seus santos e recitava até orações nunca ouvidas! Mas nada resolvera. Ele, o diabo, continuava ali, sentado e indiferente ao homem que tentava agora se lembrar dos santos e dos desafios que fizera anteriormente contra a divina providência. Enquanto isso, como por encanto os bois lentamente saíram da lama e caminhavam com o peso, como que ajudados por alguma força diferente, invisível. Essa história se espalhou pelo lugar. E o Diabo de Capanema permaneceu no folclore do lugar.

Fonte: TEZZA, José Vicente. *O Diabo de Capanema* Ficha preenchida por Ivone I. Alves dos Santos. Disponível: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Emanuel Simioni Pontes – 5º ano

Escola Municipal Francisco Manoel da Silva

Professora mediadora: Angélica Werle

Francisco Beltrão – Paraná





LENDA DA LOIRA DO MATÃO - NOVA LONDRINA - PARANÁ

Lenda da Loira do Matão Nova Londrina – Paraná

Essa história sobrenatural da loira fantasma dos caminhoneiros é contada na região Noroeste há mais de 40 anos. Nas imediações da tragédia ela aparece, em especial para os caminhoneiros, ainda vestida de noiva e pedindo carona.

Fonte: ficha preenchida por Ivone Chile da Silva.

Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Emanuely da Cruz da Silva Santos – 4º ano

Escola Municipal Elza Grassioto Caselli

Professora mediadora: Marcia Molina de Gois

Paranavaí – Paraná





LENDA DA BOLA DE FOGO - IVATÉ - PARANÁ

Lenda da Bola de Fogo Ivaté – Paraná

Acontecia na estrada indo para Ivaí, contada por muitos moradores. Dizem que uma bola de fogo, ou de luz, não se sabe o que é, acompanha as pessoas a pé, de carro ou carroça. Quando se passa próximo à mata, essa bola os acompanha. E é tão forte que as pessoas perdem até a direção do carro, se estiverem dirigindo. Isso acontece sempre da meia-noite às três horas da madrugada. Algumas vezes, ao invés de acompanhar as pessoas ela fica em cima de uma árvore parada. Mais interessante ainda é que ela é rápida e chega à velocidade de um carro. Outro fator importante é que ela só aparece próxima a essa mata; só acompanha as pessoas nessa travessia, depois desaparece. Conta-se que a luz aparece porque há algum tempo um policial foi assassinado no fundo da mata. Outra versão é que a bola seja a "mãe do ouro", ou seja, antigamente as pessoas tinham o hábito de enterrar ouro e as almas daquelas que morreram sem contar a ninguém ficaram pensando pelo mundo.

Fonte: narrada por Paulo Henrique (75 anos), morador local. Ficha preenchida por Leonice Santana. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Emilly Vitória Rodrigues de Chaves – 5º ano

Escola Municipal União

Professora mediadora: Sandra Maria Duarte

Pato Branco – Paraná





LENDA DA GRALHA-AZUL - PARANÁ

Lenda da Gralha-azul Paraná

De acordo com a lenda, há muito tempo, a gralha-azul era apenas uma gralha parda, semelhante a outras de sua espécie. Mas um dia, a gralha-azul resolveu pedir para Deus lhe dar uma missão que lhe faria muito útil e importante. Deus lhe deu um pinhão, que a gralha pegou com seu bico com toda força e cuidado. Abriu o fruto e comeu a parte mais fina. A outra parte mais gordinha resolveu guardar para depois, enterrando-a no solo. Porém, alguns dias depois ela esqueceu o local onde havia enterrado o restante do pinhão. A gralha procurou muito, mas não encontrou aquela outra parte do fruto. Porém, ela percebeu que havia nascido uma pequena araucária na área onde enterrou a semente. Então, toda feliz, a gralha-azul cuidou daquela árvore com todo amor e carinho. Quando o pinheiro cresceu e começou a dar frutos, ela começou a comer uma parte dos pinhões e enterrar a parte mais gordinha (semente), dando origem a novas araucárias. Em pouco tempo, conseguiu cobrir grande parte do estado do Paraná com milhares de pinheiros, dando origem à floresta de Araucária. Quando Deus viu o trabalho da gralha-azul, resolveu dar um prêmio a ela: pintou suas penas da cor do céu, para que as pessoas pudessem reconhecer naquele pássaro seu esforço e dedicação. Assim, a gralha, que era parda, tornou-se azul.

Fonte:

<http://www.lendas-do-parana.noradar.com/lenda-da-gralha-azul/>

Ensino Fundamental Fase I

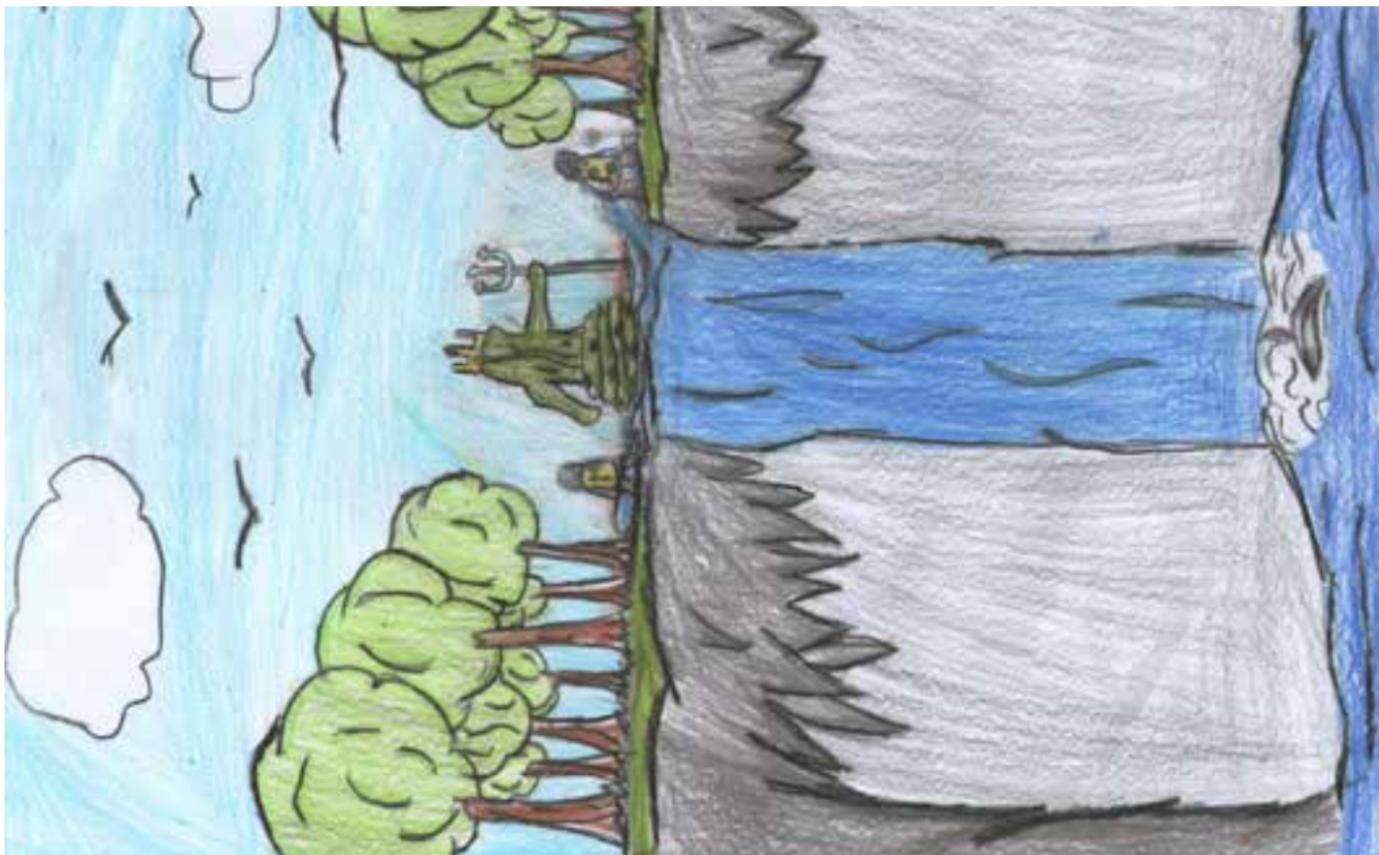
Ilustrado pela aluna: Emily Raphaela Gomes dos Santos – 5º ano

Escola Municipal Professor José Cavallin

Professora mediadora: Jaqueline Henschel

Curitiba – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase I

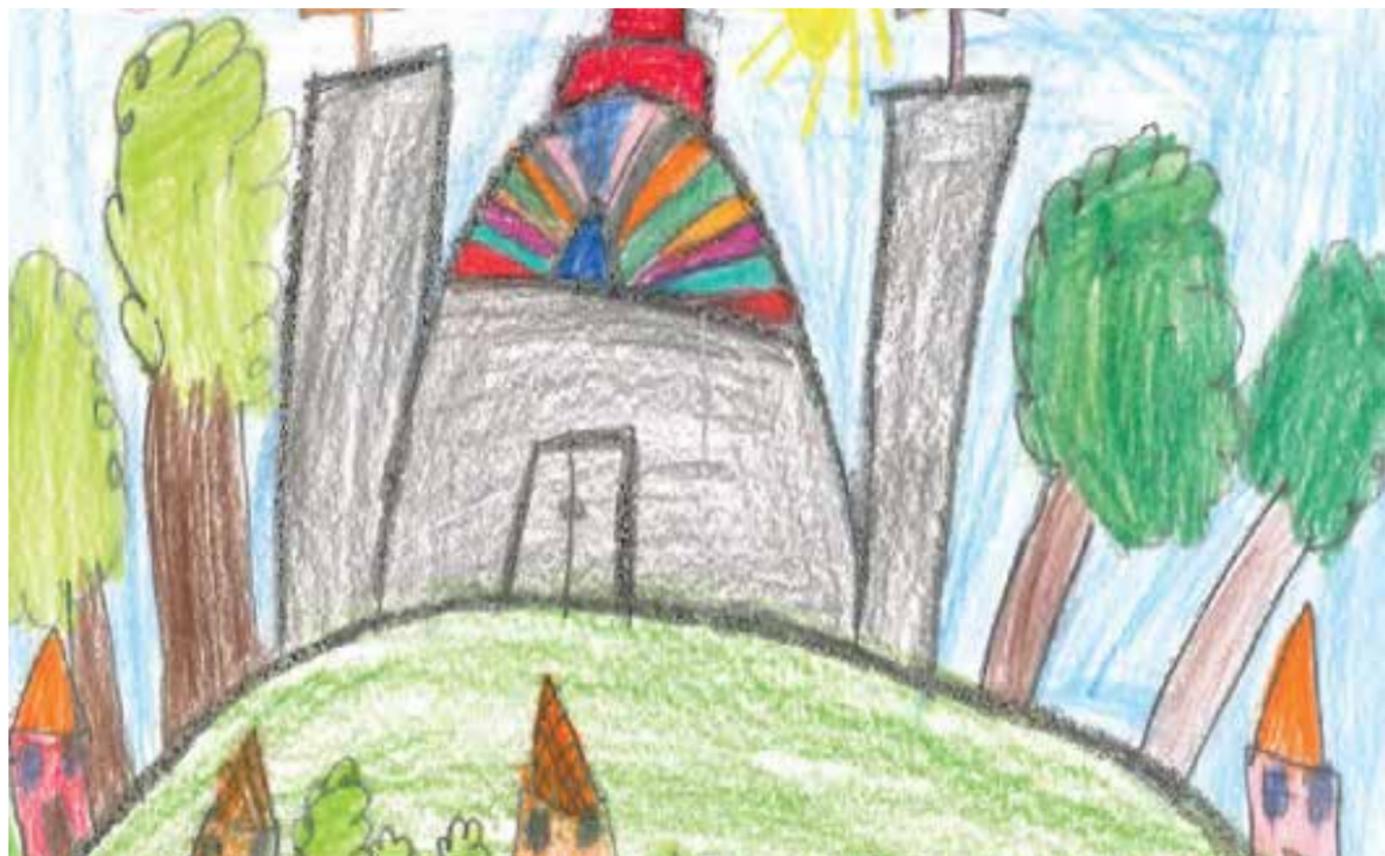
Ilustrado pelo aluno: Gabriel Aires Vargas – 4º ano

Escola Municipal São Cristóvão

Professora mediadora: Nadia Patricia Francener Bernardi

Céu Azul – Paraná





LENDA DAS POMBINHAS - REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS - PARANÁ

Lenda das Pombinhas Região dos Campos Gerais – Paraná

Contam os antigos que quando os fazendeiros dos Campos Gerais se reuniram para decidir o local da sede de povoação, onde ergueriam uma igreja sob a invocação da senhora Sant'Ana, não chegaram a um acordo, pois cada um queria que o lugar ficasse próximo a sua fazenda. Assim sendo, de comum acordo, resolveram soltar dois pombos brancos com fitas vermelhas amarradas nas perninhas e que, onde estes pousassem seria o local da igreja e o centro da nova povoação. Soltos os pombos, esses voaram para bem longe, e foram pousar sobre uma cruz, próxima de uma enorme figueira, na mais alta colina, junto ao caminho dos tropeiros. Ali foi então erguida modesta capela de madeira sob a invocação de Sant'Ana. E, ao seu redor, formou-se a nova povoação de Ponta Grossa.

Fonte:

<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/lendas>

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Gabriela Eduarda Pacheco da Silva – 2º ano

Escola Municipal Prof.ª Loise Foltran de Lara

Professora mediadora: Janaína Bobato

Ponta Grossa – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase I

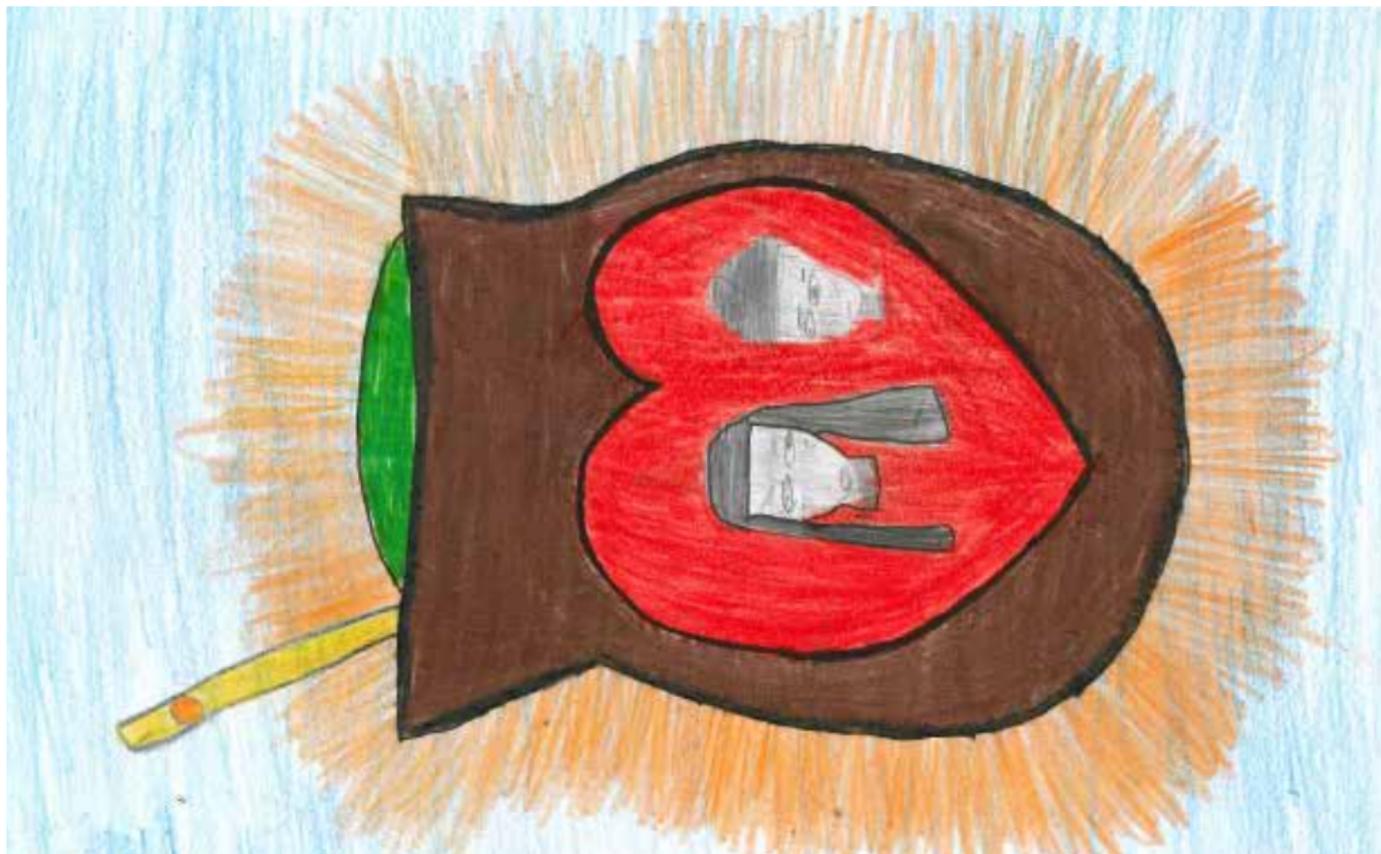
Ilustrado pelo aluno: Heitor Vito Martins – 4º ano

Escola Municipal Prof. Dilson Teixeira Coelho

Professora mediadora: Sirlei Bersot da Silva Augusto

Jardim Alegre – Paraná





LENDA DA ERVA-MATE - PARANÁ

Lenda da Erva-mate Paraná

Conta-se que Deus, acompanhado por São José e São Pedro, em uma longa jornada, pediu pousada na casa de um índio, já velhinho e muito pobre, que tinha como único bem, uma jovem e linda filha. O bom índio acolheu os incógnitos visitantes com carinho e hospitalidade. Querendo recompensá-lo, Deus disse ao ancião: – Vou premiá-lo pela generosidade de sua acolhida, tornando imortal sua bela e inocente filha, a quem você quer tanto.

E assim, Caá-Yari, a jovem guarani, foi transformada na árvore de erva-mate, que desde então existe e por mais que a cortem, sua folhagem volta a brotar e a florir sempre mais vigorosa, permanecendo eternamente jovem. Caá-Yari tornou-se a deusa dos ervais protegendo suas selvas, favorecendo os ervateiros, abreviando seus caminhos, diminuindo-lhes o peso dos feixes e mitigando-lhes a árdua e cansativa jornada de trabalho nos ervais.

Fonte: https://www.mtgparrana.org.br/web/index.php?cont=noticia&id_menu=84

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Isabeli Aparecida Tramontini Caigara – 5º ano

Escola Municipal Prof.ª Nerasi Menin Calza

Professora mediadora: Andreia de Fátima Ribeiro

Palmas – Paraná





LENDA DO BAILE DAS FEIAS - GUARAPUAVA - PARANÁ

Lenda do Baile das Feias Guarapuava – Paraná

Ao passarem pela cidade, os revolucionários exigiram de despedida um baile, pois corria a notícia que Guarapuava possuía as mulheres mais bonitas, e para que o tal baile acontecesse escolheram para o local o casarão do Coronel Pedro Lustosa, em frente à Catedral. Os pais das moças, preocupados, não deixaram suas filhas mais novas e mais "afeiçoadas" irem ao baile, levando apenas as não tão bonitas e mais velhas.

Conta-se que para chegar ao casarão, os convidados deveriam passar por uma coluna de maragatos na Rua XV de Novembro. Algo curioso, que algumas pessoas não sabem e não associam, que essa lenda tem a ver com a da Capela do Degolado, que por ocasião da visita, Juca Tigre, como forma de intimidação, condenou à morte um dos prisioneiros de guerra da batalha da Lapa, em que o próprio Juca Tigre degolou o prisioneiro. No local, começaram a acontecer milagres, por isso, a criação da capela do degolado. Um fato curioso é que os santos da capela aparecem sem cabeça e ainda, segundo a lenda, a alma do soldado continua vagando pela região.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Isabelly de Ramos Pompeo da Silva – 5º ano
Escola Municipal Prof.ª Silvanira Acyoli Lins Penha
Professora mediadora: Schirle Aparecida Araújo Knuppel
Guarapuava – Paraná





LENDA DO MONSTRO DA FAZENDA - ARAPOTI - PARANÁ

Lenda do Monstro da Fazenda

Arapoti – Paraná

A pessoa que narrou este fato diz que é a mais pura verdade. Em uma tarde, foi ela mandada por seu patrão contar quantas pilhas de madeira haviam sido deixadas na floresta pelos madeireiros. Como o acesso ao local era muito difícil, usou o cavalo para se locomover. Quando passou pela porteira, o cavalo não queria mais andar, então tentou controlar o animal. Pegaram um caminho entre os pinos e já na metade do percurso sentia arrepios pelo corpo todo, ouvia gemidos e o animal parecia que também pressentia que algo estava errado.

Quando faltavam dez metros para o cavaleiro chegar até as pilhas de madeira, algo assustador aconteceu. Uma sombra com aspecto horrendo apareceu diante deles. O animal se ergueu, derrubando-o no chão, e depois disso começou a relinchar e corcovear, diante daquela imagem, que flutuava a uns 10 cm do chão. O homem ficou paralisado por alguns segundos, até que aquela sombra se materializou a sua frente. Parecia uma esfera de fogo. Ele não acreditava no que estava se passando, quando, de repente, a sombra e a esfera de fogo atingiram as pilhas de madeira, que pegaram fogo rapidamente, passando de uma pilha à outra.

O cavaleiro fez montaria e saiu a galopadas. O animal só foi parar quando chegaram a uma pequena porteira, quando o homem olhou para trás e não viu nenhum vestígio sequer da assombração. No outro dia, juntamente com o patrão e outros dois peões, voltaram ao mesmo local e constataram que nada estava fora do lugar. Depois desse acontecimento, ninguém mais tem coragem de voltar ao lugar.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Jeferson Kogg – 5º ano

Escola Municipal União

Professora mediadora: Sandra Maria Duarte

Pato Branco – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: João Eduardo Chaves dos Santos – 4º ano

Escola Municipal Prof. José Galetti

Professor mediador: Wesley Tomaz de Souza

Maringá – Paraná





LENDA DE VILA VELHA - PARANÁ

Lenda de Vila Velha Paraná

A lenda de Vila Velha, ou de Itacueretaba (“cidade perdida de pedra”) é de domínio popular. Segundo a lenda, esse recanto foi escolhido pelos primitivos habitantes para ser o Abaretama, “terra dos homens”, onde esconderiam o precioso tesouro “itainhareru”. [...] Dhui fora escolhido para chefe supremo dos apiabas. Entretanto, não desejava seguir aquele destino. Seu sangue se achava perturbado pelo fascínio feminino. As tribos rivais, ao terem conhecimento do fato, escolheram Aracê Poranga para tentar o jovem guerreiro e tomar-lhe o coração para conseguir o segredo do tesouro. Não foi difícil Aracê se apaixonar completamente por Dhui. Numa tarde primaveril, Aracê veio ao encontro de Dhui trazendo uma taça de “uirucuri”, o licor de butias, para embriagar Dhui. No entanto, o amor já se assenhorava de sua razão e ela também tomou o licor, ficando ambos sob a sombra de um Ipê, languidamente entrelaçados. Tupã vingou-se, desencadeando um terremoto que abalou toda a planície. Abaretama, completamente destruída, tornou-se pedra. O tesouro de ouro fundiu-se e liquidificou-se, transformando-se na Lagoa Dourada. Os dois amantes, castigados, foram petrificados um ao lado do outro. Junto a eles ficou a taça, igualmente petrificada. E foi assim que Abaretama se tornou Itacueretaba.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: João Straub Ferla – 5º ano

Escola Municipal Prof.ª Caetana Paranhos

Professora mediadora: Claudia Maria dos Santos

Matinhos – Paraná





ARTISTA: MIGUEL HACHEN - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Artista: Miguel Hachen Foz do Iguaçu – Paraná

Miguel Hachen: nascido em Misiones, na Argentina, foi em Foz do Iguaçu que Miguel decidiu plantar raízes e buscar conhecimentos para desenvolver sua linguagem artística denominada Neo Guarani. “Essa terra vermelha, a mata, a paisagem são as mesmas do lugar onde eu cresci perto do rio Uruguai, lá também tinha uma característica bilíngue, por isso me encontrei aqui”.

Miguelito, como também é conhecido, afirma que a Terra das Cataratas o encantou por muitos fatores, e em cada obra que começa, está na verdade buscando a si mesmo.



Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: José Fernando Welter Daroz – 2º ano

Escola Municipal Santa Rita de Cássia

Professora mediadora: Marisa Gloria Nucci

Foz do Iguaçu – Paraná





ORIGEM DO NOME DE MARINGÁ - PARANÁ

Origem do nome de Maringá Paraná

Morava na cidade de Pombal, interior da Paraíba, numa ruazinha coberta por ingazeiros, uma linda cabocla de nome Maria do Ingá. Era filha de retirantes nordestinos, dona de uma beleza encantadora, de corpo bem feito, pele morena, olhos e cabelos negros. Maria fascinava a todos inspirando ardentes paixões.

Um dia, uma seca inclemente levou a linda Maria, deixando o político Rui Carneiro desolado de tristeza. Bairrista como todo nordestino, Rui pediu ao amigo Joubert de Carvalho que fizesse uma música que exaltasse a mulher amada e sua terra natal. Para o famoso compositor não foi difícil fazer a combinação poética da Maria do Ingá.

Na fusão das palavras de Maria mais Ingá, surgiu Maringá, dando origem a Canção "Maringá, Maringá" que, por volta de 1935, estourava nas paradas de sucesso. Conta-se que os colonizadores cantavam a canção de Joubert Carvalho enquanto desbravavam as matas e por conta disso a cidade é carinhosamente chamada de Cidade Canção.

Fonte:

http://www.maringa.pr.gov.br/htmls/origem_nome.htm

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Kaio Cesar Gomes de Araújo – 4º ano

Escola Municipal Prof. José Galetti

Professor mediador: Wesley Tomaz de Souza

Maringá – Paraná





LENDA DA CASA MAL-ASSOMBRADA - TIBAGI - PARANÁ

Lenda da Casa Mal-assombrada Tibagi – Paraná

Dizem que na fazenda Cambará muita assombração aparece. Que, à noite, arrastam-se correntes, batem-se janelas e ouvem-se ruídos estarrecedores. Quando eu era criança, ficava tiritando de medo ao ver os mais antigos falarem da casa mal-assombrada. Sei que na outra fazenda ali por perto, quase entrando no município de Ventania, havia histórias de fantasmas.

Quando minha mãe era jovem, disse que vinha um homem loiro, alto e belo oferecer uma panela de dinheiro. Nas fazendas Ipê, Guaricanga, e a do senhor Fernando Taques, muitas coisas estranhas acontecem. No limiar das fronteiras de Tibagi, o mistério circunda e mete medo. A lenda das casas mal-assombradas já vêm de longe, acompanhada de anedotas de sinhozinhos e sinhazinhas que haviam por aqui.

Fonte:

Ficha preenchida Gilmar de Jesus Oliveira.

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Larissa Eduarda Leite da Silva – 5º ano

Escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva

Professora mediadora: Elizabete Neves Servelhere

Xambê – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Maria Jessica Nogueira dos Santos – 3º ano
Escola Municipal do Campo Prof.ª Edith Ebner Eckert
Professora mediadora: Ana Paula Amorim Ottersbach
Paranavaí – Paraná





LENDA DO JOÃO-DE-BARRO - PARANÁ

Lenda do João-de-Barro

Paraná

Segundo a lenda, há muito tempo, numa tribo do Sul do Brasil, um jovem se apaixonou por uma moça de grande beleza. Jaebé, o moço, foi pedi-la em casamento. O pai dela então perguntou: – Que provas podes dar de sua força para pretender a mão da moça mais formosa da tribo?

As provas do meu amor! – respondeu o jovem Jaebé. O velho gostou da resposta, mas achou o jovem atrevido, então disse:

– O último pretendente de minha filha falou que ficaria cinco dias em jejum e morreu no quarto dia.

– Pois eu digo que ficarei nove dias em jejum e não morrerei.

Toda a tribo se admirou com a coragem do jovem apaixonado. O velho ordenou que se desse início à prova. Então, enrolaram o rapaz num pesado couro de anta e ficaram dia e noite vigiando para que ele não saísse nem fosse alimentado. A jovem apaixonada chorava e implorava à deusa Lua que o mantivesse vivo. O tempo foi passando e certa manhã, a filha pediu ao pai:

– Já se passaram cinco dias. Não o deixe morrer.

E o velho respondeu: – Ele é arrogante, falou nas forças do amor. Vamos ver o que acontece. Esperou então até a última hora do novo dia, então ordenou: – Vamos ver o que resta do arrogante Jaebé.

Quando abriram o couro da anta, Jaebé saltou ligeiro. Seus olhos brilharam, seu sorriso tinha uma luz mágica. Sua pele estava limpa e tinha cheiro de perfume de amêndoas. Todos se admiraram e ficaram mais admirados ainda quando o jovem, ao ver sua amada, se pôs a cantar como um pássaro enquanto seu corpo, aos poucos, se transformava num corpo de pássaro!

E foi naquele exato momento que os raios do luar tocaram a jovem apaixonada, que também se viu transformada em um pássaro. E, então, ela saiu voando atrás de Jaebé, que a chamava para a floresta onde desapareceram para sempre.

Fonte: <https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/joaodebarro>

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Miguel Ribeiro Rodrigues – 3º ano

Escola Municipal Ouro Branco

Professora mediadora: Neusa Pereira de Mendonça

Umuarama – Paraná





LENDA DA ERVA-MATE - PARANÁ

Lenda da Erva-mate Paraná

Conta-se que Deus, acompanhado por São José e São Pedro, em uma longa jornada, pediu pousada na casa de um índio, já velhinho e muito pobre, que tinha como único bem uma jovem e linda filha. O bom índio acolheu os incógnitos visitantes com carinho e hospitalidade. Querendo recompensá-lo, Deus disse ao ancião:

Vou premiá-lo pela generosidade de sua acolhida, tornando imortal, sua bela e inocente filha, a quem você quer tanto.

E assim, Caá-Yari, a jovem guarani, foi transformada na árvore de erva-mate, que desde então existe e por mais que a cortem, sua folhagem volta a brotar e a florir sempre mais vigorosa, permanecendo eternamente jovem. Caá-Yari tornou-se a deusa dos ervais protegendo suas selvas, favorecendo os ervateiros, abreviando seus caminhos, diminuindo-lhes o peso dos feixes e mitigando-lhes a árdua e cansativa jornada de trabalho nos ervais.

Fonte: https://www.mtgparrana.org.br/web/index.php?cont=noticia&id_menu=84

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Naryanne da Silva Gudovisk – 5º ano

Escola Municipal Professora Nerasi Menin Calza

Professora mediadora: Andreia de Fátima Ribeiro

Palmas – Paraná





ARTISTA: PAULO LEMINSKI - PARANÁ

Artista: Paulo Leminski
Paraná

Paulo Leminski Filho nasceu em Curitiba em 1944 e faleceu na mesma cidade em 1989. Foi escritor, poeta, crítico literário, tradutor, músico, letrista e professor. O paranaense Paulo Leminski tem um grande destaque no cenário cultural brasileiro.

Fonte:

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/paulo-leminski.htm>



Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Wellington Lisboa – EJA

Escola Municipal Tanira Regina Schmidt

Professora mediadora: Tania Cristina Ortigara Toledo

Curitiba – Paraná





LENDA DO RIO IVAÍ - RIO BRANCO DO IVAÍ - PARANÁ

Lenda do Rio Ivaí Rio Branco do Ivaí – Paraná

Uma linda índia aparecia aos canoeiros que subiam e desciam o rio. Levava-os aos lugares com pedras e dizia a eles: vai por aí. E os canoeiros iam por lugares que a índia indicava aos envolvidos nas pedras, sem poder sair.

Os canoeiros amedrontados iam contar o ocorrido e juntavam as palavras para pronunciar, dizendo Ivaí, que significa Índia-vai-aí por todo o percurso do rio, ficando Ivaí, no início da colonização.

Fonte:

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pelo aluno: Weslei Gabriel da Silva – 5º ano

Escola Municipal Ouro Branco

Professora mediadora: Luciane Rodrigues Tangerino de Oliveira
Umuarama – Paraná





LENDA DO POÇO DA CORRENTE - RONCADOR - PARANÁ

Lenda do Poço da Corrente Roncador – Paraná

Segundo a crença popular, em meados do século XIX, moradores da região contam que no Rio Liso, localizado no Distrito de Alto São João, município de Roncador, morava um fazendeiro muito rico que escondeu sua fortuna em um caixão de metal e incumbiu um de seus escravos para vigiar e proteger, caixão este, que foi fixado por correntes em pedras, dentro de uma queda de água, mencionada como cachoeira. Certos populares que ali habitavam afirmam que houve um desvio no rio para esconder esse mistério, com isso se formou um poço e que, ao nadar ali, é possível tocar nas correntes. Segundo relatos, no ano de 1960, um padre foi até o lugar para desvendar esse mistério, fez várias orações, amarrou várias cordas na corrente e fixou numa madeira atrelada a uma pareia de burros e quando os animais começaram a puxar, formou-se uma forte tempestade, obrigando-o a desatar os burros e sair em disparada do local. O fato inusitado ocorreu num local afastado, e não havia nenhuma nuvem no céu. Inúmeros relatos de fatos estranhos ocorrem nesse lugar, presenciados por moradores atuais que vão até lá com intuito de pescar. Contam que, quando lá estão, ouvem gritos, barulhos de pedras caindo na água, galhos de árvores quebrando, vendavais, tempestades e visão de animais e pessoas. A lenda despertou curiosidade e em visita ao rio observamos que o mesmo faz cursos diferentes para lados opostos, constatamos também a presença de uma gruta próxima ao rio e em imagens fotográficas retiradas no local, observaram-se vultos entre as árvores, rostos de pessoas e animais, tornando mais intrigante essa história. A lenda teria se disseminado por gerações e até hoje o mistério do poço da corrente não foi desvendado.

Fonte: Relatos populares.

Ensino Fundamental Fase I

Ilustrado pela aluna: Yasmin dos Santos Campos – 2º ano

Escola Municipal do Campo Afonso Camargo

Professora mediadora: Viviane Camila Celusniak

Roncador – Paraná





LENDA DA LAGOA DAS LÁGRIMAS - GUARAPUAVA - PARANÁ

Lenda da Lagoa das Lágrimas

Guarapuava – Paraná

Antigamente, havia uma tribo indígena que morava entre duas montanhas em um lugar chamado Serra da Esperança. Esse povo vivia normalmente em meio à floresta com suas famílias, até que um dia a paz e a tranquilidade da aldeia foram ameaçadas: a tribo se preparava para um combate contra seus inimigos, que queriam invadir seu lar. Quando a guerra estava prestes a começar, o guerreiro Guairacá, que era um jovem muito corajoso, estava pronto para partir e proteger a todos. Antes disso, foi até sua noiva para se despedir, dizendo-lhe que voltaria para o casamento. A moça era uma das mais bonitas da aldeia. Chamavam-na de Ara Essay, que significa “lágrima que cai”. Os índios guerreiros foram ao combate e infelizmente alguns não resistiram a tanta violência. A tribo perdeu a guerra, mas os indígenas lutaram bravamente até o fim, inclusive seu maior guerreiro Guairacá, que se entregou pela batalha e acabou morrendo. A noiva dele ainda não sabia da notícia e continuava a esperar o seu amado que havia prometido que voltaria. Durante anos, a bela índia ficou sentada entre as duas colinas chorando e com medo de que o índio não voltasse. E assim ela permaneceu por muito tempo, derramando muitas lágrimas no solo onde antes era feliz com seu noivo. Quando os guerreiros que sobreviveram finalmente voltaram à aldeia, encontraram duas vertentes de águas tão límpidas que até brilhavam. As lágrimas dos dois olhos da índia deram origem a uma fonte que formou uma lagoa.

Fonte: <http://binoculobrasil.besaba.com/culutra/guarapuava-e-suas-lendas-a-lenda-da-lagoa-das-lagrimas/>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Amanda Leticia Costa – 8º ano

Colégio Estadual Bibiana Bitencourt

Professora mediadora: Nice dos Santos Rodrigues

Guarapuava – Paraná





A ÁRVORE DOS ENFORCADOS - PARANÁ

A Árvore dos Enforcados

Paraná

Dizem que na fazenda de um senhor holandês, morador de Arapoti, uma árvore chama a atenção: um abacateiro onde duas pessoas se enforcaram. Uma dessas pessoas subiu até o galho mais alto da árvore, amarrou uma corda nesse galho e no pescoço e de lá atirou-se para o solo, sendo que seu corpo foi encontrado já sem vida.

Passados alguns anos, com a fazenda já tendo um novo dono, seu capataz, atormentado pelas aparições de uma moça perto do abacateiro, resolve também enforcar-se em um galho da árvore macabra.

Hoje, muitas pessoas quando passam pelo local sentem-se mal, ou têm visões de um corpo enforcado balançando ao sabor do forte vento que sopra no lugar.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, Prof.ª Inez Hryniewicz, 1998. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Ana Beatriz Bendaçoli Marquez – 8º ano

Colégio Estadual Tiradentes

Professora mediadora: Lilian Dias Brazão

Santo Antônio da Platina – Paraná





LENDA DO HOTEL YARA - BANDEIRANTES - PARANÁ

Lenda do Hotel Yara Bandeirantes – Paraná

A 9 km de Bandeirantes, pertinho do encontro das águas dos dois rios mais importantes da região, o das Cinzas e o Laranjinha, um hotel de arquitetura imponente, construído na década de 1950, sofre a ação do tempo, abandonado. Tudo começou com um italiano naturalizado brasileiro, Domingos Regalmuto. Acostumado aos negócios, ele logo percebeu, nos anos 1930, que as águas que afloravam em suas terras tinham odor e paladar particulares. Em 1942, um laudo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) comprovou que a água era mesmo mineral hipotermal e de aplicação terapêutica. Bastou para que Regalmuto transformasse água em dinheiro. Passou a engarrafá-la e chamou a sua água mineral Yara de a "deusa das águas". Além disso, projetou e construiu o complexo termal, com a piscina abastecida pelo chafariz, e um hotel de causar inveja, só acessível a bolsos com um certo recheio. Tudo ia bem até que a saúde de Regalmuto começou a falhar. O problema era uma trombose, que lhe custou as duas pernas, amputadas, quando ele já passava dos 80 anos. A morte veio logo em seguida. Suicídio. O único herdeiro, Paulo Regalmuto, morreu dois anos depois, pilotando um carro envenenado com destino a São Paulo. Trombou com um caminhão em Cambará. No início da década de 1970, Dona Katerine Erdely, a mãe de Paulo, herdou tudo, mas, descontente, vendeu o lugar para Paschoal D'Andrea, um grande comerciante do ramo imobiliário. "O D'Andrea fez um trabalho excelente. Regularizou os 660 lotes que formavam a 'Cidade Yara'. Todos foram vendidos, mas pouquíssimos donos haviam aparecido para tomar posse. Aos poucos foi loteando partes rurais e começou o trabalho para levar o asfalto até o termas. Mas quando as máquinas finalmente chegaram para tornar a PR-519 uma realidade, ele ficou doente e morreu", explica Oliveira. Os filhos de D'Andrea permutaram a área com a família Matsubara por uma outra fazenda em Cornélio Procopio. Começava o declínio e o abandono do Yara. Em 2002, o casal Rafaela e Cláudio Delgado comprou 48 dos 98 alqueires que restaram da propriedade. Mas até hoje não conseguiram regularizar a escritura.

Fonte: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/gigante-abandonado-o-fantasma-que-assombra-o-yara-710413.html>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Ana Clara de Sant'ana Leite – 8º ano

Colégio Estadual Nóbrega da Cunha

Professora mediadora: Ana Cecilia Castro Morgado Marqui

Bandeirantes – Paraná





SANTUÁRIO DE PASSO DA RESERVA - RESERVA DO IGUAÇU - PARANÁ

Santuário de Passo da Reserva Reserva do Iguçu – Paraná

De beleza inigualável, o Passo da Reserva carrega em si uma história marcante. A igreja em homenagem a Nossa Senhora Aparecida foi construída por conta de um milagre que ocorreu em uma passagem do rio, em 1875. Segundo a história, um tropeiro do Rio Grande do Sul seguia para São Paulo num período de enchentes. Ele percorria o trajeto já conhecido por muitos tropeiros que utilizavam aquela rota na condução de tropas que levavam charques e outras mercadorias produzidas na Região Sul. A condução de mulas pelo trajeto também era muito comum. Os animais eram negociados por fazendeiros do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Em se tratando dos produtos, esses eram levados da Região Sul para São Paulo e, de lá, as tropas retornavam com mercadorias já manufaturadas que eram vendidas no comércio local.

Apressado com a viagem, pois tinha compromissos inadiáveis em seu destino, o tropeiro, que naquele momento estava sozinho, resolveu atravessar o rio em um vau aberto para este fim, no rio Reserva; conhecido com Passo da Reserva. Apesar de conhecer o trajeto, o tropeiro desconhecia os perigos da gigante queda d'água que existia abaixo do Passo. A correnteza estava muito forte e o cavalo começou a descer com o cavaleiro preso ao estribo. Ao avistar a cachoeira, agonizando de medo e tendo a morte como certa, o tropeiro, que era devoto fervoroso de Nossa Senhora Aparecida, pediu ajuda à Virgem em um grito para que ela salvasse sua vida. O animal despençou pela cachoeira de mais de trinta metros de altura. O cavaleiro, no entanto, milagrosamente desvencilhou-se dos estribos que o prendia e foi arremessado para o outro lado do rio.

Comovido e agradecido pela vida, o tropeiro esqueceu a pressa e esperou por ajuda de companheiros que seguiam o mesmo trajeto. Naquele momento, depois de receber a graça pela qual pedira, ele se comprometeu a erguer ali uma igreja em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Fonte: <http://diopuava.org.br/?id=2240>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Anderson Lima Machado – 9º ano

Colégio Estadual do Campo Cornélio P. Ribeiro

Professora mediadora: Neiva Aparecida Maciel

Pinhão – Paraná





LENDA DOS DOIS CAVALEIROS - PARANÁ

Lenda dos Dois Cavaleiros Paraná

Como um tropeiro cometeu uma injúria muito grave a Deus, o pároco não permitiu que o seu corpo fosse enterrado dentro do campo santo. Foi então enterrado fora dos muros do cemitério da capela do Senhor Bom Jesus. Entretanto, nesse mesmo período, um outro homem havia se enforcado, também cometendo grave injúria contra Deus. Dizem que esses homens visitam-se. Passam pela "rua do Banhado" correndo, montados em cavalos sem cabeça e quando se encontram, descem de suas montarias e começam a cavar o solo, em sinal de cumprimento. Depois de voltar cada um ao seu lugar, desaparecem misteriosamente.

Fonte: fichas preenchidas por Vera Lúcia Mayer. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Andressa Maria Benta Gomes da Rosa – 7º ano

Colégio Estadual Telmo Octávio Muller

Professora mediadora: Tisciana Pietta Bueno

Marmeleiro – Paraná





LENDA DA COBRA BOIÚNA - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda da Cobra Boiúna Foz do Iguaçu – Paraná

Numa tribo do Paraná, vivia uma cobra enorme, a Boiúna Capei, que aterrorizava a todos. Para que a Boiúna não atacasse os índios, o cacique prometeu que lhe daria sua filha Naipi em casamento. A jovem Naipi tinha bom coração e queria salvar a tribo, mas era apaixonada por Titçatê, um valente guerreiro. Quando chegou o momento de Naipi ser entregue à Boiúna, a jovem rompeu em pranto e, de joelhos, suplicou ao pai que não a levasse. Titçatê, cheio de coragem, colocou-se à frente da cobra grande, empunhando arco e flecha. Vendo que era rejeitada pela formosa índia, Boiúna ficou furiosa. Usou seus poderes para transformar a moça numa cachoeira chorosa. E o guerreiro foi transformado numa linda planta de flores roxas, que ficou boiando sobre a água. Vendo a forma como o amor dos dois jovens foi destruído, os outros índios encheram-se de coragem. Atacaram a Boiúna e arrancaram-lhe a cabeça. Como castigo por sua maldade, Tupã ordenou que a imensa cabeça da cobra fosse pendurada no céu durante a noite. E, na forma de Lua, iluminasse o amor de Naipi e Titçatê.

Fonte:

<http://www.lendas-do-parana.noradar.com/lenda-da-cobra-boiuna-cataratas/>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Arthur Maximio Dias – 9º ano

Colégio Estadual do Campo Rui Barbosa

Professora mediadora: Izabel Cristina Martineli

Nova Cantu – Paraná





LENDA DO DIAMANTE - TIBAGI - PARANÁ

Lenda do Diamante Tibagi – Paraná

Uma história tão linda, eis que agora vou contar: um homem alegre e forte num rio foi garimpar. Passou horas de desafio, cansado, com sono e dor, enfrentou o calor e o frio, disse enfrentar o que for. Com o tempo ganhou esperança de, no rio Tibagi, um bom diamante encontrar. Daria presentes às crianças e comida ao pobre que precisar, com isso em mente foi trabalhar. Cavando em busca do mineral, esse homem valente ficou contente, alegrando muita gente com um lindo diamante, que um dia conseguiu encontrar. Com a ajuda de Deus e apoio dos amigos seus, no rio Tibagi foi cavando sem parar. Quando peneirava para lá e para cá, viu um brilho na água clara. Quase perdeu de vista, mas conseguiu segurá-lo. Tão raro. Termine de contar uma história, que aprecio e guardo na memória!

Fonte:

Ficha preenchida por Gilmar de Jesus Oliveira

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

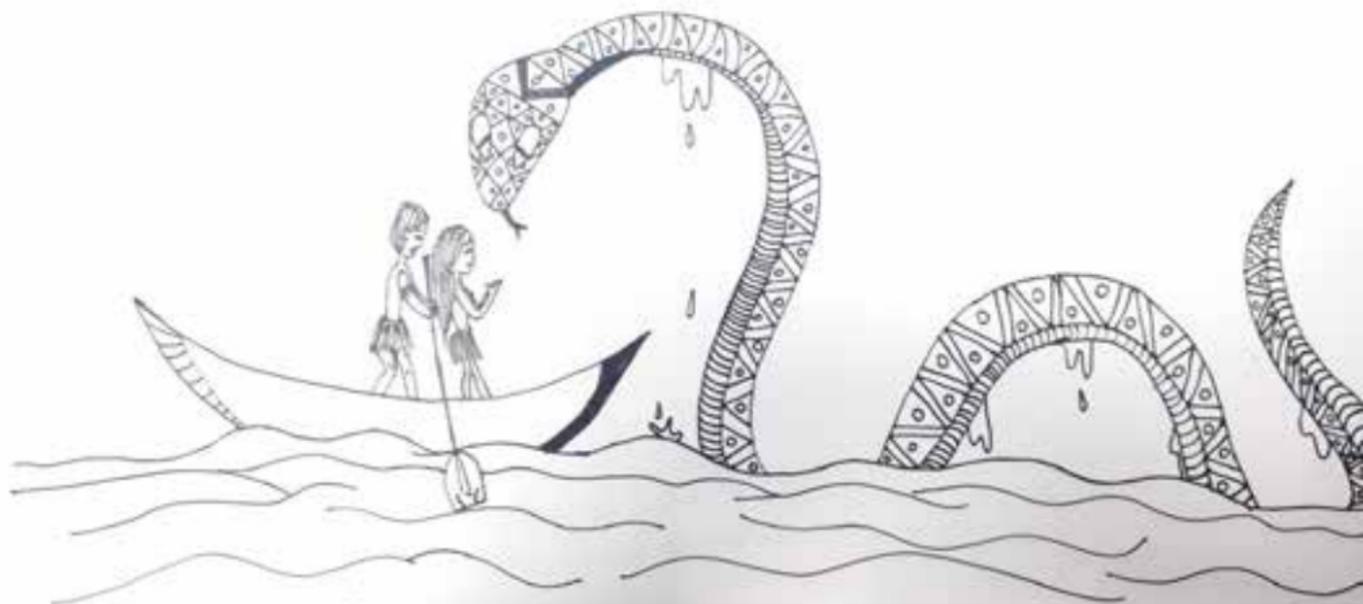
Ilustrado pela aluna: Beatriz Helena de Oliveira Hartmann – 9º ano

Colégio Estadual Tiradentes

Professora mediadora: Tatiane Rosseto

Cafetal do Sul – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Charles Eduardo Clementino de Souza – 6º ano

Colégio Estadual Padre José Canale

Professor mediador: Marcos Vinícios Rodrigues

Apucarana – Paraná





LENDA DO CORPO SECO - PARANÁ

Lenda do Corpo Seco Paraná

A pessoa que bate no pai ou na mãe, quando morre vira corpo seco, a carne não se decompõe, seca.

No capão do Cemitério da antiga Fazenda Santa Rita, município de Palmeira, diziam que havia um corpo seco. Certa vez um homem dos matos, que vendia farinha na Palmeira, amarrou a mula numa árvore; era uma mula mansa e começou a louquear, e quando reparou bem, tinha amarrado-a num corpo seco, na altura do umbigo.

Diziam que parava numa jabuticabeira grande no alto do capão e tinha uma barba bem grande; depois tiraram o corpo seco e levaram para o matto.

Fonte:

VEIGA LOPES, José Carlos, Sapecada, 1972. Lenda ouvida de moradores antigos da região do Cerrado, divisa entre os municípios de Palmeira e Campo Largo – Livro Lendas e Contos Populares do Paraná.

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Emily Oliveira dos Santos – 6º ano

Escola Estadual Dr. Aloysio de Barros Tostes

Professora mediadora: Vanda Aparecida de Campos Antunes

Nova Fátima – Paraná





LENDA DA ÁRVORE DOS ENFORCADOS - PARANÁ

Lenda da Árvore dos Enforcados Paraná

Dizem que na fazenda de um senhor holandês, morador de Arapoti, uma árvore chama a atenção: um abacateiro onde duas pessoas se enforcaram. Uma dessas pessoas subiu até o galho mais alto da árvore, amarrou uma corda nesse galho e no pescoço e de lá atirou-se para o solo; sendo que seu corpo foi encontrado já sem vida.

Passados alguns anos, com a fazenda já tendo um novo dono, seu capataz, atormentado pelas aparições de uma moça perto do abacateiro, resolve também enforcar-se em um galho da árvore macabra.

Hoje, muitas pessoas quando passam pelo local sentem-se mal, ou têm visões de um corpo enforcado balançando ao sabor do forte vento que sopra no lugar.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, Prof.ª Inez Hryniewicz, 1998. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Erica Lima de Melo da Silva – 7º ano

Escola Estadual do Campo Walerian Wrosz

Professora mediadora: Larissa Bárbara Cruz Martins

Assaí – Paraná





LENDA DO BAILE DOS MORTOS - ARAPOTI - PARANÁ

Lenda do Baile dos Mortos Arapoti – Paraná

Em uma noite, um vaqueiro passava próximo à Fazenda Esperança e ouviu sons de música ao longe. Apurando o trote de seu cavalo, o vaqueiro queria saber onde havia um baile e quanto mais rápido cavalgava, mais nítido era o som da música. Cavalgando por mais de uma hora pela mata, não encontrando casa alguma, muito menos um baile, chegou até um pequeno rancho onde morava um velho senhor. Após ser acolhido e alimentado, perguntou ao hospedeiro se não havia algum baile por ali. Como resposta, o ancião falou que há muitos anos existia ali uma fazenda; nesta a cada noite de passagem de ano havia um grande baile de gala, reunindo toda a vizinhança e até pessoas de outras localidades. Em um desses bailes, houve uma grande briga, onde acabaram morrendo muitos dos que ali se encontravam. Daquele dia em diante, toda noite de passagem de ano ouve-se a música e gritos de socorro.

Fonte: Colégio Estadual Rui Barbosa, pesquisa dos alunos das terceiras séries do curso Educação Geral, disciplina Língua Portuguesa e Literatura, Prof.ª Inez Hryniewicz, 1998.

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Gustavo Henrique Mendes dos S. – 8º ano

Escola Assunção de Nossa Senhora

Professora mediadora: Lidiane Leal Petranhski

Guarapuava – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: João Francisco Laroça Chagas – 9º ano

Colégio Estadual Emílio de Menezes

Professora mediadora: Elaine Cristina Pinheiro Faverzani

Arapongas – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: João Pedro Machado – 8º ano

Colégio Estadual do Campo Adélia Rossi Arnaldi

Professora mediadora: Erika Patricia Teixeira de Oliveira
Paranavai – Paraná





**ORIGEM DO NOME DA CIDADE DE CASCAVEL INSPIRADA NA ARTISTA EFIGÊNIA RAMOS ROLIM
CASCAVEL - PARANÁ**

Origem do nome da cidade de Cascavel inspirada na artista Efigênia Ramos Rolim

Cascavel – Paraná

Artista: Efigênia Ramos Rolim

Artista popular, escultora, poeta, contadora de história e estilista. Nascida em Abre Campo, Minas Gerais, em 1931, reside em Curitiba desde a década de sessenta. Reconhecida como a Rainha do Papel, por utilizar principalmente papel de bala nas suas esculturas, é tema de diversas produções acadêmicas nos cursos de Artes Visuais e Antropologia de diversas universidades brasileiras.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Efig%C3%AAnia_Ramos_Rolim

Lenda da Origem do nome da cidade de Cascavel:

Conta a lenda que o nome Cascavel surgiu por causa de um grupo de colonos. Estes, ao pernhoitarem na região, foram acordados pelo ruído de um ninho de cobras cascavéis. Assustados, os colonos levantaram acampamento na mesma hora. A notícia se espalhou e o local ficou conhecido como “de cascavéis”, ou “cascavel”, simplesmente.

Apesar de popularizado, o nome chegou a ser modificado, por influência do clero, dado o simbolismo da cobra na bíblia. O esforço foi inútil, pois Joaquim Silveira de Oliveira, conhecido como Nhã Jeca, um dos pioneiros, não aceitou na época esta interferência vinda do clero de Foz do Iguaçu, já sonhando com a emancipação de Cascavel.

Fonte: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Kauany Pinheiro – 8º ano

Projeto Social Eureka II – Espaço de União, Recreação e Educação da Criança e Adolescente

Educadora mediadora: Yasmim Bernardi Braz

Cascavel – Paraná



Concurso

Entre Lendas do Paraná

2ª edição | 2019

Fecomércio PR
Sesc | Senac | Izzo

Sesc





LENDA DA ALMA PENADA - PATO BRANCO - PARANÁ

Lenda da Alma Penada Pato Branco – Paraná

“As corridas de cavalo em Villa Nova, nos idos de 1920, eram a diversão dos pioneiros, depois da de um bom baile, é evidente”.

Contava seu Osório, que numa das Raias, muito bem situada na estrada de Villa Nova para Independência, levando depois até Vitorino [onde hoje é a Rua Guarani] foi proibido pelo Exército o uso da Raia em 1929, pela dificuldade que eles encontravam em se deslocar quando da construção da estrada de São João dos Ausentes a Barracão. Com muito contragosto, foi obedecido. Mas algo estranho acontecia. Os que gostavam das Corridas, sem demora reuniram-se para construir outra. Ela ficava onde hoje é o Bairro Santa Terezinha. Passando por diversas propriedades. Só foi desativada com a vinda da Madeireira Gugelmin S.A.

Mas, o intrigante, contado pelos vizinhos, que havia algo estranho. João Pedro Moreira, residente a apenas 50 metros do levante da Raia, testemunhou, muitas vezes, em certas noites, as mais escuras, umas velas acesas. E, logo após um vulto, de boa estatura, todo vestido de preto, com uma capa e de chapéu, costume da época. Aparecia subindo e descendo, bem devagar, pelos carreiros existentes, até próximo às velas acesas. Parecia estar procurando alguma coisa perdida. A interpretação, lá naquele tempo, era de que se tratava de uma Alma Penada. Diziam que um homem havia, enquanto um ser vivente, enterrado uma panela com moedas de ouro e prata. Porém agora, para ter paz na eternidade, dependia que achassem esse tesouro, talvez para devolver ao verdadeiro dono. Ninguém dos ilustres vizinhos, que presenciavam o fato, se encorajava em sair à noite para procurar junto com o ex-vivente. Durante o dia era tudo tranquilo. Mas nas noites escuras, o fato se repetia. Ninguém passava à noite sozinho por aquele local. Nem por uma grande precisão.

Fonte: <https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/do-campo-e-da-estrada-as-lendas-que-contam-a-historia>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Lara de Cássia Santos Dutra – 8º ano

Colégio Estadual João Turin

Professora mediadora: Angélica Diniz Avila do Espírito Santo

São Sebastião da Amoreira – Paraná





LENDA DA GRALHA-AZUL - PARANÁ

Lenda da Gralha-azul Paraná

De acordo com a lenda, há muito tempo, a gralha-azul era apenas uma gralha parda, semelhante a outras de sua espécie. Mas um dia, a gralha-azul resolveu pedir para Deus lhe dar uma missão que lhe faria muito útil e importante. Deus lhe deu um pinhão, que a gralha pegou com seu bico com toda força e cuidado. Abriu o fruto e comeu a parte mais fina. A outra parte mais gordinha resolveu guardar para depois, enterrando-a no solo. Porém, alguns dias depois ela esqueceu o local onde havia enterrado o restante do pinhão. A gralha procurou muito, mas não encontrou aquela outra parte do fruto. Porém, ela percebeu que havia nascido uma pequena araucária na área onde enterrou a semente. Então, toda feliz, a gralha-azul cuidou daquela árvore com todo amor e carinho. Quando o pinheiro cresceu e começou a dar frutos, ela começou a comer uma parte dos pinhões e enterrar a parte mais gordinha (semente), dando origem a novas araucárias. Em pouco tempo, conseguiu cobrir grande parte do estado do Paraná com milhares de pinheiros, dando origem à floresta de Araucária. Quando Deus viu o trabalho da gralha-azul, resolveu dar um prêmio a ela: pintou suas penas da cor do céu, para que as pessoas pudessem reconhecer naquele pássaro seu esforço e dedicação. Assim, a gralha, que era parda, tornou-se azul.

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Leonardo França Pzywitowski – 7º ano

Colégio Estadual São Mateus

Professora mediadora: Sirlei de Fátima Wenglarek

São Mateus do Sul – Paraná





LENDA DOS DOIS CAVALEIROS - PARANÁ

Lenda dos Dois Cavaleiros Paraná

Como um tropeiro cometeu uma injúria muito grave a Deus, o pároco não permitiu que o seu corpo fosse enterrado dentro do campo santo. Foi então enterrado fora dos muros do cemitério da capela do Senhor Bom Jesus. Entretanto, nesse mesmo período, um outro homem havia se enforcado, também cometendo grave injúria contra Deus. Dizem que esses homens visitam-se. Passam pela "rua do Banhado" correndo, montados em cavalos sem cabeça e quando se encontram, descem de suas montarias e começam a cavar o solo, em sinal de cumprimento. Depois de voltar cada um ao seu lugar, desaparecem misteriosamente.

Fonte: fichas preenchidas por Vera Lúcia Mayer. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Lívia Mirelle Kurten – 9º ano
Colégio Estadual Neusa Domit

Professora mediadora: Fabiana Benassi Carneiro
União da Vitória – Paraná





LENDA DO CORPO SECO - PARANÁ

Lenda do Corpo Seco Paraná

A pessoa que bate no pai ou na mãe, quando morre vira corpo seco, a carne não se decompõe, seca.

No capão do Cemitério da antiga Fazenda Santa Rita, município de Palmeira, diziam que havia um corpo seco. Certa vez um homem dos matos, que vendia farinha na Palmeira, amarrou a mula numa árvore; era uma mula mansa e começou a louquear, e quando reparou bem, tinha amarrado-a num corpo seco, na altura do umbigo.

Diziam que parava numa jabuticabeira grande no alto do capão e tinha uma barba bem grande; depois tiraram o corpo seco e levaram para o matto.

Fonte:

VEIGA LOPES, José Carlos, Sapecada, 1972. Lenda ouvida de moradores antigos da região do Cerrado, divisa entre os municípios de Palmeira e Campo Largo – Livro Lendas e Contos Populares do Paraná.

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Loana da Silva Medeiros – 9º ano

Colégio Estadual Tiradentes

Professora mediadora: Tatiane Rosseto

Cafetal do Sul – Paraná





LENDA DITINHO DE DEUS - CONGONHINHAS - PARANÁ

Lenda Ditinho de Deus Congonhinhas – Paraná

Ditinho de Deus era um pretinho alto, que chegou por aqui lá pelos anos 1950. Sofria de chaga na perna. Não se sabia em que estado do Brasil ele nascera. Ficava durante o dia sentado na calçada de uma esquina de qualquer rua, à noite, ia dormir debaixo da igreja, somente com um velho cobertor. Não pedia esmola, porém vivia da caridade pública e era muito molestado pelas crianças malvadas. Essas chegavam até a atirar pedras no Ditinho, que sempre rebatia dizendo: “Não façam assim, Deus não gosta”. Não xingava e não dizia palavrões.

Sentindo-se bastante fraco e sofrendo graves dores na perna e sem nenhum tratamento, veio a falecer debaixo da igreja, sendo de lá transportado para uma casinha de propriedade do senhor João Nogueira da Silva, “vulgo João Carro”, onde se realizou o velório. O sepultamento foi no cemitério local, não se sabe ao certo se foi em 1952 ou 1953.

Ditinho de Deus faleceu sem receber os sacramentos, pois o padre estava em viagem visitando as capelas. As viagens naquele tempo eram feitas a cavalo. Mais tarde, por iniciativa do senhor José Lopes, homem devoto e de formação religiosa, foi construída uma capelinha em sua honra. Lá os fiéis iam rezar e cumprir seus votos. Depois, com o alargamento da rua para pavimentação, seus restos mortais foram transladados para a atual capelinha, muito visitada pelo povo.

Fonte:

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Lucas Alves de Lima Guimarães – 6º ano

Colégio Estadual Prof. Aides Nunes da Silva

Professora mediadora: Damaris Sarto

Congonhinhas – Paraná





LENDA DA BRUXA - PARANAGUÁ - PARANÁ

Lenda da Bruxa

Paranaguá – Paraná

Segundo dizem os boatos, durante o século 19 um grande navio chegou em Paranaguá, litoral do Paraná. Dele saíram inúmeros imigrantes que foram para Curitiba trabalhar nas lavouras, assim formando um bairro chamado Santa Felicidade. Dentre estes imigrantes estava uma jovem chamada Constantina e sua mãe, dona Lola. Essa mãe estava constantemente lembrando sua filha moça sua descendência strega, ou seja, Constantina fazia parte de uma linhagem muito antiga de bruxas, ela dizia: "Você precisa se preparar para feitiçaria! Afinal, você é uma strega, este é o seu destino. O castigo de uma strega que nega o dom é ser moça durante o dia e idosa durante a noite". Porém, mesmo com a insistência de sua mãe, Constantina odiava feitiçaria, isso porque acreditava que ser bruxa era invocar o mal. Mesmo assim, ela percebia que tinha diversos dons. Ela conseguia se comunicar com os mortos, tinha premonições e um grande instinto para curar as pessoas. Mesmo com a constante negativa de sua filha, Dona Lola não desistia, levando Constantina para aprender rituais de feitiçaria e bruxaria. Certa noite, Dona Lola levou sua filha até o cemitério com o objetivo de arrancar defuntos de seus túmulos. Nessa ocasião, Constantina ficou tão assustada que fugiu de sua mãe e correu em direção de sua casa. Porém, a jovem andou tanto que acabou encontrando um lugar que atualmente é chamado de Campo Largo.

Lá ela encontrou uma floresta e, no centro dessa floresta, havia uma pequena casa abandonada onde Constantina encontrou ervas de efeitos curativos. Ela as recolheu e logo em seguida acabou encontrando uma idosa com o braço quebrado. Imediatamente, a jovem a socorreu, utilizando as ervas que havia encontrado para fazer curativos e um chá, ela também recorreu a diversas orações e curou a sofrida senhora. Logo, Constantina ficou famosa e diversas pessoas iam até sua casa em busca de socorro. O interessante é que sempre que pessoas batiam em seu lar durante a noite, sempre encontravam uma senhora idosa, porém a jovem Constantina nunca estava por lá. O contrário acontecia durante o dia quando apenas a jovem moça residia na casa enquanto a idosa desaparecia. A lenda conta que, certo dia, um pequeno menino chamado Zé correu em busca de Constantina para ajudar sua mãe que estava doente às 18h, porém ao chegar na casa, a criança colocou sua cabeça na janela e pôde ver a jovem Constantina se transformar em uma senhora idosa. Imediatamente, o pequeno Zé correu até a vila e contou a notícia a todos, apavorando a região com tamanha atrocidade.

Fonte: Relatos populares.

Ensino Fundamental Fase II

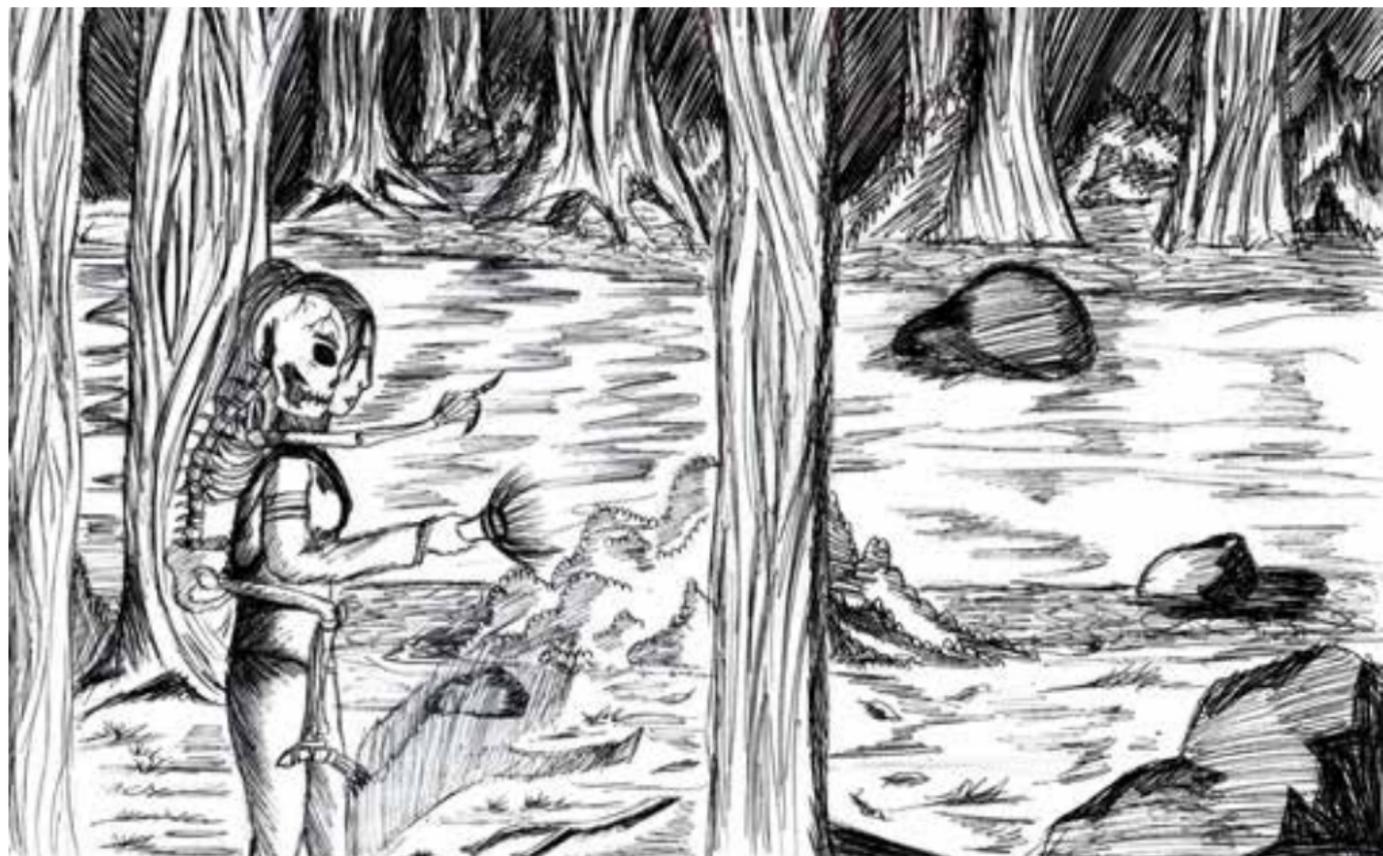
Ilustrado pela aluna: Maria Clara Alves Chrisostomo – 7º ano

Colégio Estadual Prof.^a Sully da Rosa Vilarinho

Professora mediadora: Maria Inês Alves Chrisostomo

Pontal do Paraná – Paraná





LENDA DO POTE DE OURO - ARAPOTI - PARANÁ

Lenda do Pote de Ouro Arapoti – Paraná

Segundo antigos moradores da Fábrica de Papel, há muito tempo alguém enterrou um pote de ouro próximo ao rio do Chico. Dizem que algumas pessoas recebiam as visões do local através de sonhos. Segundo as revelações que lhes eram feitas, deveriam ir à noite para desenterrar a fortuna. Porém, cada vez que alguém se aventurava a arriscar a sorte dirigindo-se ao local, aparecia um esqueleto falante ordenando que o levasse a determinado lugar, e, sem a permissão da pessoa, montava em suas costas afirmando que, se fizesse isso, dar-lhe-ia em troca o pote de ouro. Muitas pessoas que por ali passam, à meia-noite, afirmam ouvir gemidos e barulho de ossos estalando. Os mais antigos dizem que são os ossos do esqueleto que fazem barulho e que os ruídos são os gemidos das pessoas, que querem se libertar do fardo macabro que tem 206 às costas. Ouvem-se, também, os gemidos desesperados pedindo socorro e os gritos de dor causados pelos ossos pontiagudos do esqueleto."

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Maria Eduarda de Barros V. da Fonseca – 8º ano

Colégio Estadual Tania Varella Ferreira

Professora mediadora: Beatris Ribeiro Rocha

Maringá – Paraná





LENDA DO VÉU DA NOIVA - PARANÁ

Lenda do Vêu da Noiva Paraná

Uma moça, filha de um fazendeiro que morava perto de um rio, onde havia uma linda cachoeira, gostava de um dos seus empregados e dizia que queria casar com ele. Usaria no seu casamento um véu bem comprido e largo. Seu pai, que era um homem ambicioso, a deu em casamento para um homem rico e desconhecido, que ela não conhecia. Ela, vendo que a data se aproximava e não conseguia de jeito nenhum terminar aquele noivado indesejável, foi à cachoeira, escorregou lentamente no lugar mais perigoso das pedras. Os seus longos cabelos, levados pelas águas, se abriram enroscando-se nas raízes e pedras e ela morreu. Quando acharam o corpo, chamaram aquele lugar de Vêu da Noiva.

Fonte:

fichas preenchidas por Aldenir Nunes Betim. Disponível em: https://www.cidadadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Maria Eduarda Lucas – 8º ano

Colégio Estadual Jardim Porto Alegre

Professor mediador: Flavio Henrique Santos

Toledo – Paraná





LENDA DO SOL E DA LUA - PARANÁ

Lenda do Sol e da Lua Paraná

Tupã criou o Paiquerê, para morar com sua mulher. Ela teve gêmeos, mas uma onça a matou logo após o parto. Os filhos, depois de crescidos, saíram à procura do pai e da mãe. Encontraram Anhangá, o diabo, que os aprisionou. Com a ajuda das filhas de Anhangá, os dois fugiram. Ao encontrarem Tupã, este lhes perguntou sobre a mãe. Como não sabiam responder, foram transformados no Sol e na Lua para que um a procurasse de dia e o outro, à noite.

Fonte: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=132

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Maria Heloisa Martins Cardoso – 9º ano

Escola Estadual Inácio Schelbauer

Professora mediadora: Cristhiane Gabriele Mayer Ientz

Rio Negro – Paraná





LENDA DAS BRUXAS - MORRETES - PARANÁ

Lenda das Bruxas Morretes – Paraná

As bruxas apareciam principalmente em noite de lua cheia, nas fazendas e engenhos de Morretes. Ainda hoje elas galopam, sentadas no pescoço do cavalo, fazendo em suas crinas tranças finas e unidas para servir de estribo. São trançadas de tal modo, que não se pode desfazer, só cortando. Segundo a lenda, quem consegue desmanchar a trança, é uma bruxa ou bruxo.

Temos vários relatos de pessoas, pertencentes às famílias tradicionais de Morretes que tiveram oportunidade de ver de perto a trança feita pela bruxa. Dizem também que à noite elas vão aos engenhos, em forma de patas, para beber; depois vão reunir-se aos outros patos, numa lagoa dourada, onde se banham.

Fonte:

Fichas preenchidas por Laurice Salomão De Bona.

https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Matheus Henrique do Nascimento Gomes – 7º ano
Colégio Estadual Serafim França

Professora mediadora: Rosângela Clemente Galvão Turini
Astorga – Paraná





LENDA DO PRIMEIRO OVNI - LUIZIANA - PARANÁ

Lenda do Primeiro Ovni Luiziana – Paraná

Um OVNI teria descido na colônia Goio-Bang, município de Pitanga, no dia 23 de julho de 1947, atualmente comunidade de Campina do Amoral, município de Luiziana. Segundo os relatos, um objeto voador estranho teria descido próximo a uma estrada, à luz do dia. O fato foi testemunhado por uma equipe de topógrafos, liderados pelo agrimensor José C. Higgins que, ao contrário de seus colegas que fugiram, permaneceu no local e viu três seres estranhos com cerca de dois metros de altura, que manifestaram sinais, sons agudos e altos. Dois dos seres vasculharam a área retirando amostras do solo. Segundo Playson Walter, nascido na região em 1933, o assunto foi, à época, acompanhado de um certo receio. Cláudio de Paula Xavier, 70 anos, nascido e criado no município, lembra que houve grande discussão popular acerca do acontecido, mas que o assunto foi esquecido com o passar do tempo. Leonor Costin, 88 anos, nascida e criada no local, também se lembra dos comentários que acabaram atraindo pessoas de longe.

Fonte: ficha preenchida por José de Souza Santos.

In: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Michelly Fabiane Baretta – 7º ano

Colégio Estadual João Manoel Mondrone

Professora mediadora: Yukie Takahashi

Medianeira – Paraná





IGREJA DO ROSÁRIO - CURITIBA - PARANÁ

Igreja do Rosário

Curitiba – Paraná

Construída por escravos e sob o comando da Irmandade do Rosário, a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito não tem data precisa de construção. Acredita-se que tenha sido edificada entre 1737 – ano de inauguração da Igreja da Ordem – e 1762, data que marca o registro mais antigo do local no livro da Catedral. Na oportunidade, o Bispo de São Paulo D. Frei Manoel da Ressurreição permitiu o sepultamento dos Irmãos do Rosário no templo. A igreja serviu como espaço de preces para fiéis em razão de estar no trajeto de cortejo para o Cemitério Municipal de São Francisco de Paula; e também local de culto para imigrantes europeus católicos – a primeira missa que se tem documento realizada com imigrantes é datada de 1º de outubro de 1882, realizada por Dom Alberto José Gonçalves.

A estrutura da Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito contemplava na época um interior simples e três altares destinados a Virgem e Senhora do Rosário; São Benedito; e Senhor Bom Jesus dos Perdões. Entre 1876 e 1893 – por motivo de demolição e reconstrução da Matriz – o templo serviu como o principal de Curitiba. No século XX, Monsenhor Celso Itiberê da Cunha patrocinou uma reconstrução que teve início em 1931 e término quinze anos depois. No local está localizado o túmulo do personagem paranaense. Em 1951, a Igreja do Rosário passou aos cuidados dos Padres Jesuítas.

Considerada um das principais e mais tradicionais de Curitiba, a instituição religiosa está presente em um cenário marcado pela diversidade cultural e de crenças. Em poucos metros – no Centro Histórico – é possível visitar e conhecer as Igrejas da Ordem e Presbiteriana, além da Mesquita de Curitiba e o Templo Hare Krishna. A Igreja do Rosário fica na Praça Garibaldi, São Francisco.

Fonte: <https://curitibaspace.com.br/igreja-do-rosario/>

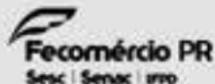
Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Rebeca Cordeiro Charello – 6º ano

Centro de Educação João Paulo II

Educadora mediadora: Leliane Cristina Gonçalves Bastian

Piraquara – Paraná





LENDA DE VILA VELHA - PARANÁ

Lenda de Vila Velha Paraná

A lenda de Vila Velha, ou de Itacueretaba ("cidade perdida de pedra") é de domínio popular. Segundo a lenda, esse recanto foi escolhido pelos primitivos habitantes para ser o Abaretama, "terra dos homens", onde esconderiam o precioso tesouro "itainhareru". [...] Dhui fora escolhido para chefe supremo dos apiabas. Entretanto, não desejava seguir aquele destino. Seu sangue se achava perturbado pelo fascínio feminino. As tribos rivais, ao terem conhecimento do fato, escolheram Aracê Poranga para tentar o jovem guerreiro e tomar-lhe o coração para conseguir o segredo do tesouro. Não foi difícil Aracê se apaixonar completamente por Dhui. Numa tarde primavera, Aracê veio ao encontro de Dhui trazendo uma taça de "uirucuri", o licor de butias, para embriagar Dhui. No entanto, o amor já se assenhorava de sua razão e ela também tomou o licor, ficando ambos sob a sombra de um Ipê, languidamente entrelaçados. Tupã vingou-se, desencadeando um terremoto que abalou toda a planície. Abaretama, completamente destruída, tornou-se pedra. O tesouro de ouro fundiu-se e liquidificou-se, transformando-se na Lagoa Dourada. Os dois amantes, castigados, foram petrificados um ao lado do outro. Junto a eles ficou a taça, igualmente petrificada. E foi assim que Abaretama se tornou Itacueretaba.

Fonte: <http://www.pitangui.uepg.br/proad/escoteiros/index.php/84-destaque/149-lenda-de-vila-velha>

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pelo aluno: Rhuan Soler de Almeida – 8º ano

Colégio Estadual Idália Rocha

Professora mediadora: Valderez Saganski

Ivaiporã – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte: Da Boca do Povo à Cultura da Gente. Palmeira, Escola Est. São Judas Tadeu, 2002. p. 25. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

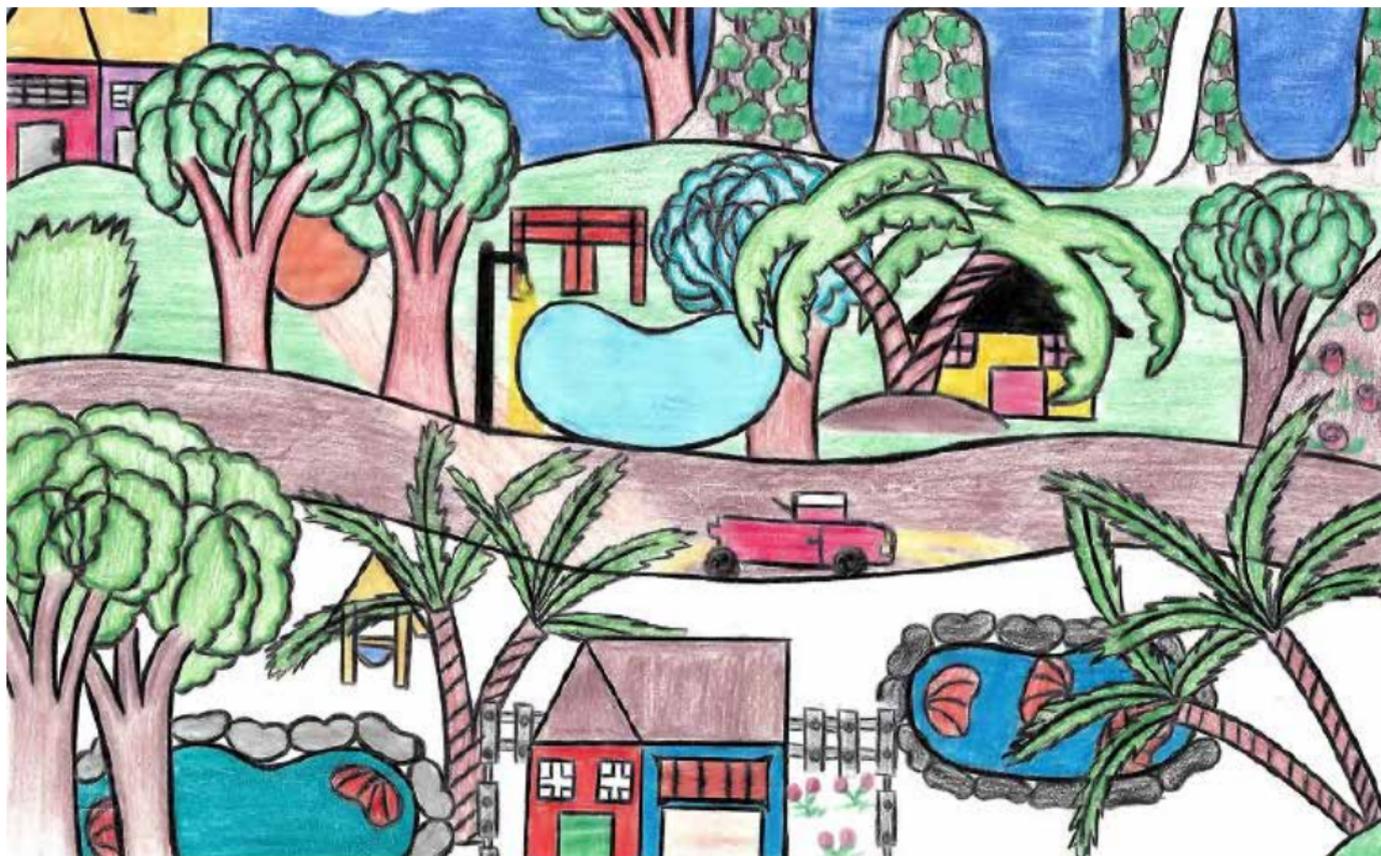
Ilustrado pelo aluno: Ryan Camil Ortega dos Santos – 8º ano

Colégio Estadual Prof. Alberto Krause

Professora mediadora: Yasmin Mann

Almirante Tamandaré – Paraná





LENDA DA BOLA DE FOGO - IVATÉ - PARANÁ

Lenda da Bola de Fogo Ivaté – Paraná

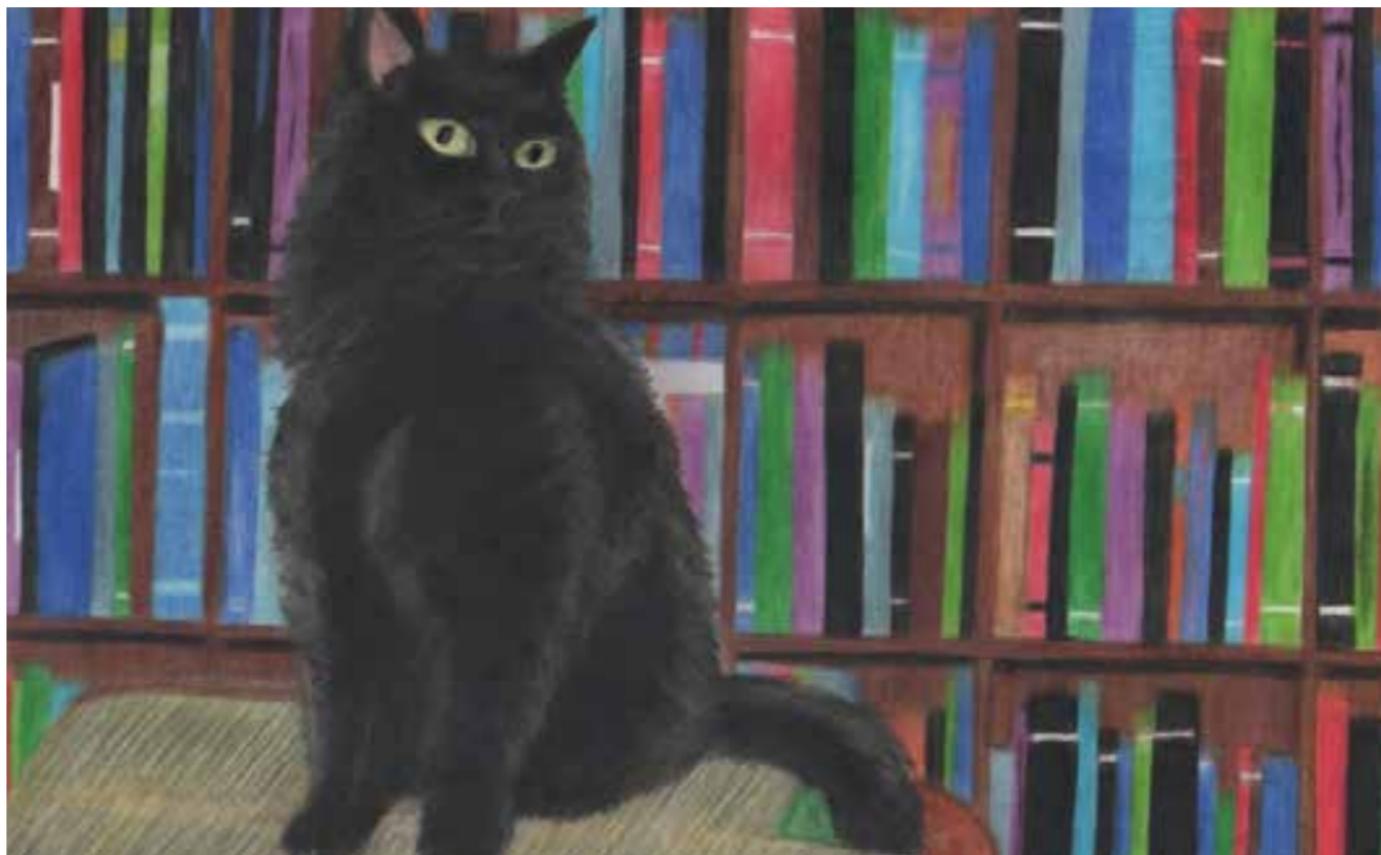
Acontecia na estrada indo para Ivaí, contada por muitos moradores. Dizem que uma bola de fogo, ou de luz, não se sabe o que é, acompanha as pessoas a pé, de carro ou carroça. Quando se passa próximo à mata esta bola os acompanha. E é tão forte que as pessoas perdem até a direção do carro, se estiverem dirigindo. Isto acontece, sempre, de meia-noite às três horas da madrugada. Algumas vezes, ao invés de acompanhar as pessoas ela fica em cima de uma árvore parada. Mais interessante ainda é que ela é veloz e chega à velocidade de um carro. Outro fator importante é que ela só aparece próxima a essa mata; só acompanha as pessoas nessa travessia, depois desaparece. Conta-se que a luz aparece porque há algum tempo, um policial foi assassinado no fundo da mata. Outra versão é que a bola seja a “mãe do ouro”, ou seja, antigamente as pessoas tinham o hábito de enterrar ouro e as almas daquelas que morreram sem contar a ninguém ficaram pensando pelo mundo.

Fonte: narrada por Paulo Henrique (75 anos), morador local. Ficha preenchida por Leonice Santana. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Fundamental Fase II

Ilustrado pela aluna: Taiane Cristina da Silva – 9º ano
Colégio Estadual do Campo Patrimônio Santa Maria
Professora mediadora: Regiane Soares
Congonhinhas – Paraná





LENDA DO GATO BORIS - CURITIBA - PARANÁ

Lenda do Gato Boris Curitiba – Paraná

O Gato Bóris é mais um causo urbano de Curitiba, pois se trata de um felino negro que morava dentro de um sebo, livraria de livros usados, e que passeava pelo Largo da Ordem. Reza a lenda que este bichano virava homem nas noites de lua cheia e andava pelos bares, ao redor, com o objetivo de namorar mulheres. Dia 17 de fevereiro de 2016, Bóris estava caminhando pelo seu bairro, quando de repente foi atacado por um cachorro e resolveu se esconder no estacionamento, localizado ao lado do sebo e atrás da loja de artigos indianos, onde faleceu do coração por causa do susto. Então o dono da loja de artigos indianos enterrou o animal num pedaço de terra, aos fundos do estacionamento, onde no muro estava escrito a palavra: Dinâmico, que é um nome de um cursinho do Largo da Ordem. Mas também significa tudo o que o gato Bóris foi: dinâmico. Pois, esse felino participou de filmes, trabalhou na livraria, encantando a todos, e até foi vítima de um sequestro com um final feliz. Além disso, o dono da loja de artigos indianos colocou um vaso com flores em cima do túmulo do animal. Hoje o vaso encontra-se quebrado. Porém, algumas pessoas falaram que o vaso se quebrou quando o fantasma do gato saiu do túmulo para passear no Largo da Ordem. O rapaz, que é dono da loja de artigos indianos, disse que nas noites de lua cheia escuta os miados de Bóris e seus passos no telhado. Esse moço também pretende enfeitar e pintar o túmulo desse bicho que, com certeza, será uma eterna Lenda Urbana de Curitiba.

Fonte: <https://bastidoresdainformacao.com.br/lenda-do-tumulo-do-gato-boris/>

Ensino Fundamental Fase II

Aluna: Tamires Sousa Martins – 8º ano

Colégio Estadual Tsuru Oguido

Professora mediadora: Ivonice Pereira dos Santos

Londrina – Paraná





LENDA DO CAVALEIRO - PINHÃO - PARANÁ

Lenda do Cavaleiro Pinhão – Paraná

Muitas lendas fazem parte da cultura do município do Pinhão. Por volta do ano de 1936, na Vila do Pinhão, numa noite sem luar era impossível distinguir sequer um vulto diante dos olhos. A iluminação das casas era feita a velas ou lampiões de querosene. Quando a noite caía todos iam logo para cama, sem qualquer alternativa. Alguns cavaleiros mais antigos começaram a notar que sempre nas noites sem lua, pontualmente faltando quinze minutos para uma hora da madrugada, ouviam o tropel de um cavaleiro que passava pela estrada em sentido ao cemitério. O barulho que fazia era sempre o mesmo, cavalo em marcha trotada e ruídos de apetrechos de montaria.

Fonte:

Pinhão. Dirceu José de Oliveira. Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Org.). *Pinhão, Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa História*. 2. ed. Pinhão, 2016.

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Ademar de Oliveira Lima – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Bento Munhoz da Rocha Neto
Professora mediadora: Neiva Aparecida Maciel
Pinhão – Paraná





LENDA DO LOBISOMEM - ANTÔNIO OLINTO - PARANÁ

Lenda do Lobisomem Antônio Olinto – Paraná

Em um pequeno lugar chamado Porto de Pedra, próximo a Antônio Olinto, moravam famílias ucrainas, uma delas era da minha bisavó. Ela conta uma história de lobisomem. Perto de sua casa moravam duas senhoras e todas as noites de lua cheia um cachorro aterrorizava as velhinhas, com uivos e arranhões na porta.

Certa noite, uma delas teve coragem e levantou. O lobisomem estava na porta. Ela pegou um facão e saiu correndo atrás do animal, decepando-lhe a orelha direita. No outro dia, seu afilhado veio até sua casa para emprestar açúcar, a velhinha olhou para sua orelha e reparou que estava cortada. Perguntou-lhe o que havia acontecido, ele foi embora sem dizer uma só palavra.

Fonte:

SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antonio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatada por Rosa Thur, escrito por Andreia Wosniak).

Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Aline Martinhak – 3º ano
Colégio Estadual do Campo Duque de Caxias
Professora mediadora: Josiele Siqueira Marcolino
Antônio Olinto – Paraná





LENDA DA LOIRA DO MATÃO - NOVA LONDRINA - PARANÁ

Lenda da Loira do Matão Nova Londrina – Paraná

Essa história sobrenatural da loira fantasma dos caminhoneiros é contada na região Noroeste há mais de 40 anos. Nas imediações da tragédia ela aparece, em especial para os caminhoneiros, ainda vestida de noiva e pedindo carona.

Fonte:

Ficha preenchida por Ivone Chile da Silva.

Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

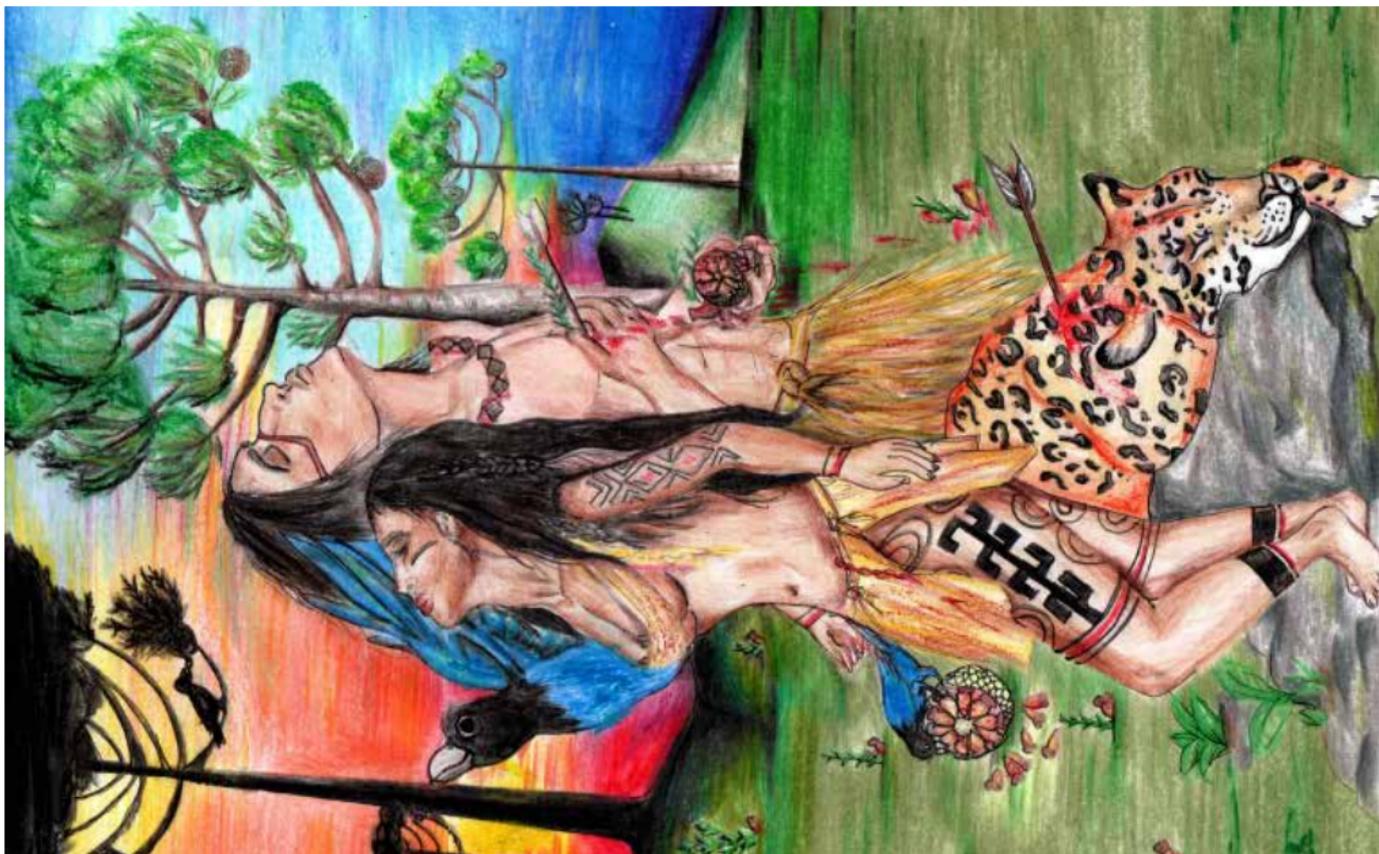
Ilustrado pela aluna: Ana Eduarda Guerra – 1º ano

Colégio Estadual Olavo Bilac

Professora mediadora: Taiana Consuelo Xavier dos Santos Machado

Peabiru – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Ana Vitória Marcondes de Souza – 2º ano
Colégio Estadual Anibal Khury

Professora mediadora: Adineia Balieiro Gonçalves da Silva
Iretama – Paraná





LENDA DO FOGO - REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS - PARANÁ

Lenda do Fogo Região dos Campos Gerais – Paraná

Na terra dos caingungues ninguém sabia como fazer fogo, portanto, ninguém dele se beneficiava. Apenas Minará, um índio de raça estranha, que o mantinha em sua lareira, zelado por sua filha, laravi, que o guardava como a um tesouro. Os caingungues não se conformavam com esse egoísmo de Minará. Até que um dia um jovem, inteligente e ardiloso, Fiietó, decidiu descobrir o segredo de Minará. Transformou-se em uma gralha branca e foi até o local onde estava a cabana em cuja lareira o fogo ardia. Ali encontrou laravi banhando-se no rio goio-Xopin. Então, atirou-se na água e se deixou levar pela correnteza em direção à formosa índia. Ela viu a pobre gralha encharcada e a recolheu, levando-a para junto da lareira. Tão logo suas penas de ave secaram, Fiietó pegou uma brasa com o bico e fugiu. Mais adiante, pousando no galho de um pinheiro, reavivou a brasa e com ela pôs fogo em uma grimpá. Como o ramo era muito pesado, era difícil transportá-lo com o bico, e ainda com o vento aumentando ainda mais a chama. Fiietó decidiu arrastá-lo pelo mato, e , por causa disso, acabou provocando um incêndio espetacular. Durante dias as noites ficaram claras como o dia, com o fogo se alastrando pelas florestas. Todos os índios da região foram ver o incêndio, aproveitando para levar tições para suas casas, que desde então passaram a ter suas próprias fogueiras sempre acesas. Depois do incêndio, extensas áreas de florestas viraram os campos que hoje conhecemos: os Campos Gerais, os campos de Palmas e os campos de Guarapuava.

Fonte: <http://www.oocities.org/soho/square/9407/lenda6.htm>

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Angela de Cesaro – 3º ano
Colégio Estadual Novo Horizonte
Professora mediadora: Daniela Jéssica Trindade
Toledo – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Bianca Larissa Santos – 2º ano

Colégio Estadual Cristóvão Colombo

Professora mediadora: Edália Aparecida de Souza Fagundes

Jardim Alegre – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Cainganges decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Davi Kewen Gouvea Dias – 1º ano

Colégio Estadual Polivalente de Apucarana

Professor mediador: Dorival Miguel da Silva

Apucarana – Paraná





LENDA DE JANDAIA - JANDAIA DO SUL - PARANÁ

Lenda de Jandaia

Jandaia do Sul – Paraná

Há muitos anos vagava entre os pinheirais uma esbelta menina de olhos da cor de pinhão e seus cabelos esvoaçavam, como fios dourados em espigas de milho. Nunca se soube de onde ela veio, apenas que seu pai era um bravo cacique, que deveria habitar a imensidão da terra roxa, colher frutos silvestres e beber dos mananciais cristalinos.

Mas, ansiosa, aguardava o dia em que haveria de surgir um companheiro, que seria destro na caça e forte na guerra. Já lhe dissera Tupã, quando ela se banhara numa cascata, mirando-se nas águas: "Jandaia haverá de receber, em breve, aquele que te revelará os arcanos do amor, foste talhada para os seus braços e só a ele servirás. Tu o verás presente entre os esplendores do sol e o vigor dos arbustos".

Em todas as manhãs, muito antes da alva, Jandaia subia no cimo da colina perscrutando os pinheiros frondosos e aguardando o romper do sol, que também viria fixar-lhe o bronze de sua pele. Numa radiosa manhã, quando Jandaia inebriava-se de luz, eis que se aproxima um cervo com uma flecha cravada, tombando a seus pés. Surge, em seguida, um caçador, jovem e forte. Ele se deslumbra, ante aquela princesa selvagem.

Jandaia acarícia o cervo, depois dirige seu olhar para o moço guerreiro e acena-lhe para que se aproxime. Ele deixa o arco e as flechas e acolhe-a nos braços. Em frêmitos a mata regozija-se. Jandaia cinge-o em seus braços; sendo observada pelo sol. Este, enciumado, aquece os lábios rubros de Jandaia, a enfeitiza e seduz, agora mais que em todas as outras manhãs. Enciumado, arrebatava para si. Ela, então, sente que ama o sol e deve-lhe sua existência.

Tupã, tomado de uma grande ira, vendo que Jandaia pertencia ao sol e não ao guerreiro que enviara, transformou-a numa cidade. Para que todos pisassem sobre ela e cobrissem de asfalto seus braços bronzeados.

O sol, condóido, surge todos os dias, com o mesmo calor de outrora, espargindo-se sobre a cidade e, como se não bastasse, ordena ao Cruzeiro do Sul, à noite, para que a vigie. Por isso, Jandaia recebeu mais um nome. Devendo sempre chamar-se Jandaia do Sul.

Fonte: ficha preenchida por Milton de Martini Lopes Villar.

Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Fernanda Oliveira Vosniak – 2º ano

Colégio Estadual Anibal Khury

Professora mediadora: Adineia Balieiro Gonçalves da Silva

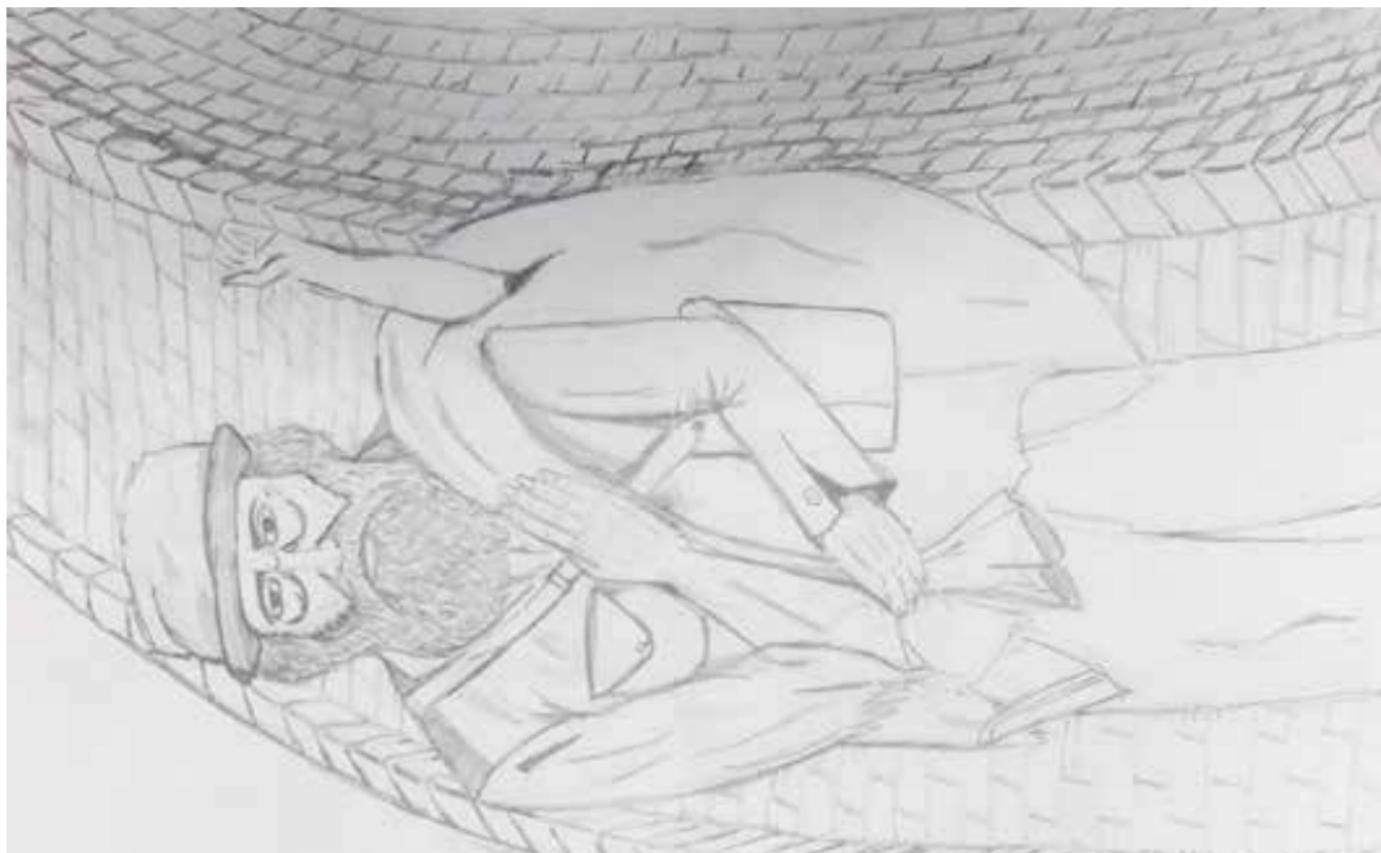
Iretama – Paraná



Fecomércio PR
Sesc | Senac | Izzo

Sesc





LENDA DO MORRO DA CRUZ - PARANÁ

Lenda do Morro da Cruz Paraná

Pelos antigos moradores de União da Vitória, o profeta João Maria de Jesus foi descrito como um ancião de estatura regular, rosto barbudo e carregava um saco de algodão a tiracolo. Ele dizia estar em União da Vitória e pela região, cumprindo uma promessa que estaria prestes a se concluir. Venerado até mesmo entre pessoas cultas, o monge, quando de sua passagem pela cidade, aconselhou a população a erguer uma cruz no cume do morro mais alto: 943 metros acima do nível do mar. Essa cruz, segundo suas palavras, deveria permanecer sempre em pé, para proteger a cidade de uma possível e desastrosa inundação. Essa inundação seria provocada pelo deslizamento das terras vindas do morro mais próximo ao rio Iguaçu e que represaria suas águas sobre a cidade. Uma grande cruz de madeira foi erguida pelos moradores. Desde então, há sempre o cuidado em substituí-la quando é preciso, evitando sua queda. O lugar ficou conhecido como Morro da Cruz, onde se fazem penitências, procissões e promessas. Na Sexta-feira Santa, muitos devotos sobem até a cruz e no caminho recolhem ervas para chá. Ervas que têm destino certo, na cura de alguns males. Uma fonte existente no sopé do morro, água da qual o profeta serviu-se, é considerada milagrosa. Ainda hoje, procurada por pessoas devotas de São João Maria é usada para realizar curas e batizados.

Fonte: fichas preenchidas por Therezinha Leony Wolff.
https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Gabriel Domingues Vieira Rocha – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Professora Godoma Bevilacqua de Oliveira
Professor mediador: Dorival Miguel da Silva
Apucarana – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Gabriela Paes da Costa – 3º ano

Colégio Estadual José Domingues da Costa

Professora mediadora: Vanda Aparecida de Campos Antunes

Congonhinhas – Paraná





LENDA DAS CRUZES DA PONTE VELHA - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS - PARANÁ

Lenda das Cruzes da Ponte Velha São José dos Pinhais – Paraná

Em 1930, na antiga estrada que ligava nossa cidade a Curitiba, uma mãe e sua filha, uma criança de cerca de um ano de idade, retornavam da capital quando logo após a ponte do rio Iguaçu, o cavalo, possivelmente assustado por uma cobra, disparou, causando acidente no qual morreram as duas ocupantes da charrete.

Pessoas bastante conhecidas na pequena comunidade de São José, as finadas receberam o pranto da cidade e a homenagem do marido e pai, que para assinalar o local da tragédia mandou ali erigir cruzes, como ainda hoje é costume. Entretanto, como forma de evidenciar a amplitude do desastre, do braço direito da cruz maior edificou-se uma menor, simbolizando portanto a mãe com a filha ao colo. A partir daí, o local tornou-se estéril ao ponto de não se ouvir sequer um passarinho, embora esses cantassem a poucos metros além. As árvores tornaram-se ressequidas e o lugar revestiu-se de um clima lúgubre, invocando luto e dor.

Fonte:

<http://curitibaeparanaemfotosantigas.blogspot.com/2018/06/sao-jose-dos-pinhais-as-cruzes-da-ponte.html>

Ensino Médio

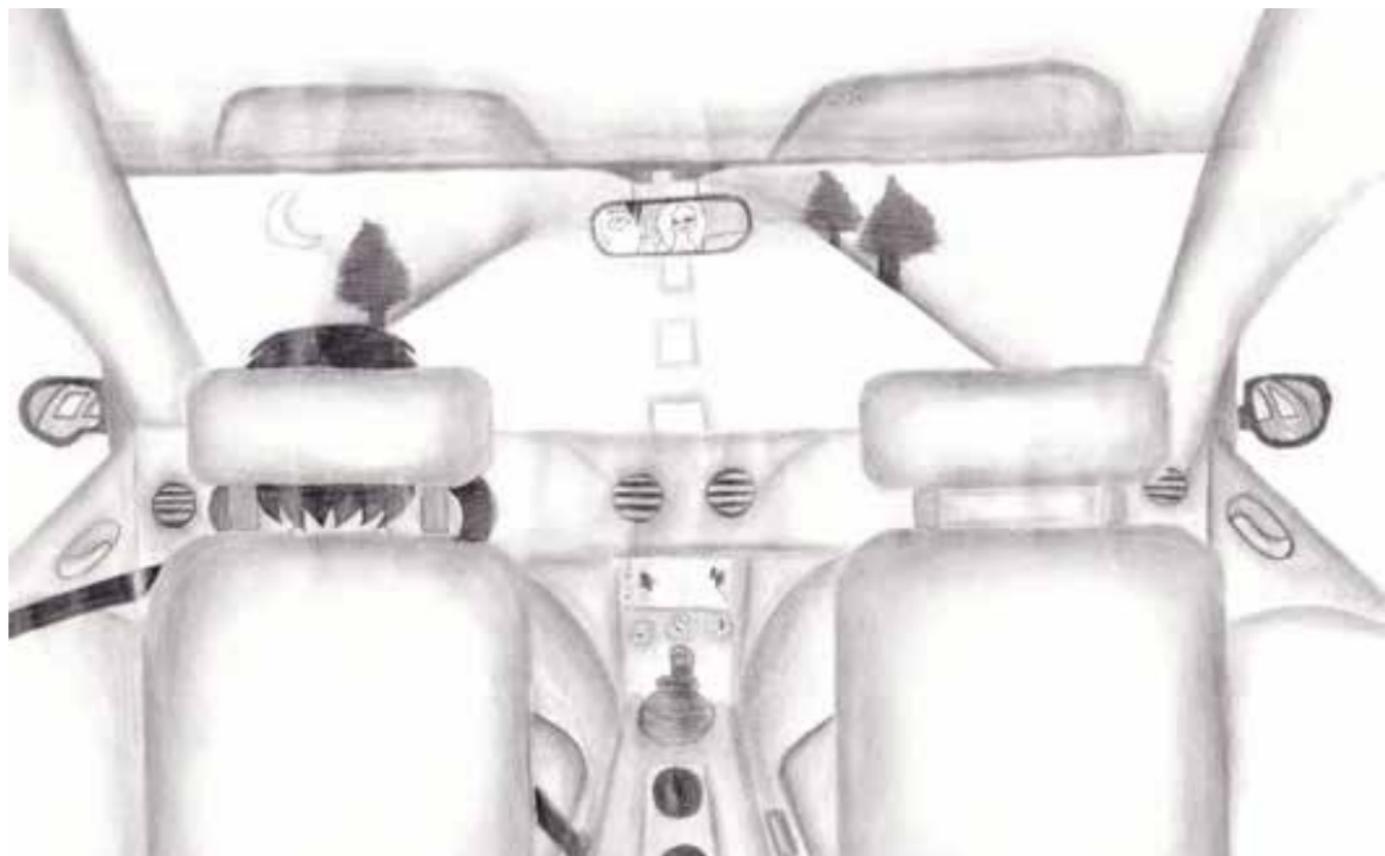
Ilustrado pela aluna: Gabriele de Oliveira Antunes – 2º ano

Colégio Estadual Afonso Pena

Professor mediador: Sebastião Mauro Ranger

São José dos Pinhais – Paraná





LENDA DA LOIRA FANTASMA - CURITIBA - PARANÁ

Lenda da Loira Fantasma

Curitiba – Paraná

Lurdes era uma loira muito bonita, que morava na cidade de Curitiba! Certa noite, ao sair muito tarde, resolveu pegar um táxi sem alarde. Mas, o taxista era um psicopata tarado, que estava muito perturbado! Então, ele levou a loira para o matagal e matou a pobre com todo o seu mal! Mas, o que ele não sabia é que a loira pertencia a uma seita de magia! Por isso, o espírito da loira ainda rondava a cidade como uma escrava! Um mês se passou e o mesmo taxista ainda trabalhava na estrada e na pista! Ele estava trabalhando numa noite de chuva e de frio, que a todos causa um tremendo arrepio! Então, uma mulher com capa preta e escura pediu para que o táxi parasse! O táxi parou e a mulher entrou no carro com o rosto coberto, no meio daquele caminho deserto, pedindo para o motorista seguir em direção ao Cemitério Municipal. Com uma voz misteriosa e nada normal! Chegando na rua nebulosa do cemitério, a mulher disse ao motorista com todo o mistério: – Pode me deixar aqui, minha morada é um túmulo decente. Mas, você gostaria que fosse diferente.“O motorista então, falou: – Não estou entendendo nada. Pare de brincadeira, pois já é madrugada!. Então, a moça tirou o seu escuro véu, que mostrou o seu rosto de um jeito cruel! A loira assim, falou: – Sou a mulher que você matou com loucura, Que, agora, deseje colocar seu corpo numa sepultura! O motorista reconhecendo o fantasma, teve um ataque de asma. E morreu asfiziado, no seu carro, todo congelado! Mas, o fantasma da loira continuou assustando vários taxistas, porém, sua alma nunca deixou rastros e nem pistas.

Fonte: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Giovana Costa Terezan – 1º ano

Colégio Estadual da Polícia Militar do Paraná

Professora mediadora: Andreza Staiger Andreo Naves de Souza

Cornélio Procópio – Paraná





LENDA DE JANDAIA DO SUL - PARANÁ

Lenda de Jandaia

Jandaia do Sul – Paraná

Há muitos anos vagava entre os pinheirais uma esbelta menina de olhos da cor de pinhão e seus cabelos esvoaçavam, como fios dourados em espigas de milho. Nunca se soube de onde ela veio, apenas que seu pai era um bravo cacique, que deveria habitar a imensidão da terra roxa, colher frutos silvestres e beber dos mananciais cristalinos.

Mas, ansiosa, aguardava o dia em que haveria de surgir um companheiro, que seria destro na caça e forte na guerra. Já lhe dissera Tupã, quando ela se banhara numa cascata, mirando-se nas águas: "Jandaia haverá de receber, em breve, aquele que te revelará os arcanos do amor, foste talhada para os seus braços e só a ele servirás. Tu o verás presente entre os esplendores do sol e o vigor dos arbustos".

Em todas as manhãs, muito antes da alva, Jandaia subia no cimo da colina perscrutando os pinheiros frondosos e aguardando o romper do sol, que também viria fixar-lhe o bronze de sua pele. Numa radiosa manhã, quando Jandaia inebriava-se de luz, eis que se aproxima um cervo com uma flecha cravada, tombando a seus pés. Surge, em seguida, um caçador, jovem e forte. Ele se deslumbra, ante aquela princesa selvagem.

Jandaia acarícia o cervo, depois dirige seu olhar para o moço guerreiro e acena-lhe para que se aproxime. Ele deixa o arco e as flechas e acolhe-a nos braços. Em frêmitos a mata regozija-se. Jandaia cinge-o em seus braços; sendo observada pelo sol. Este, enciumado, aquece os lábios rubros de Jandaia, a enfeitiza e seduz, agora mais que em todas as outras manhãs. Enciumado, arrebatava para si. Ela, então, sente que ama o sol e deve-lhe sua existência.

Tupã, tomado de uma grande ira, vendo que Jandaia pertencia ao sol e não ao guerreiro que enviara, transformou-a numa cidade. Para que todos pisassem sobre ela e cobrissem de asfalto seus braços bronzeados.

O sol, condóido, surge todos os dias, com o mesmo calor de outrora, espargindo-se sobre a cidade e, como se não bastasse, ordena ao Cruzeiro do Sul, à noite, para que a vigie. Por isso, Jandaia recebeu mais um nome. Devendo sempre chamar-se Jandaia do Sul.

Fonte: ficha preenchida por Milton de Martini Lopes Villar.

Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Isabelle de Lara Antunes – 1º ano

Colégio Estadual Prof. Alberto Krause

Professora mediadora: Yasmin Mann

Almirante Tamandaré – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

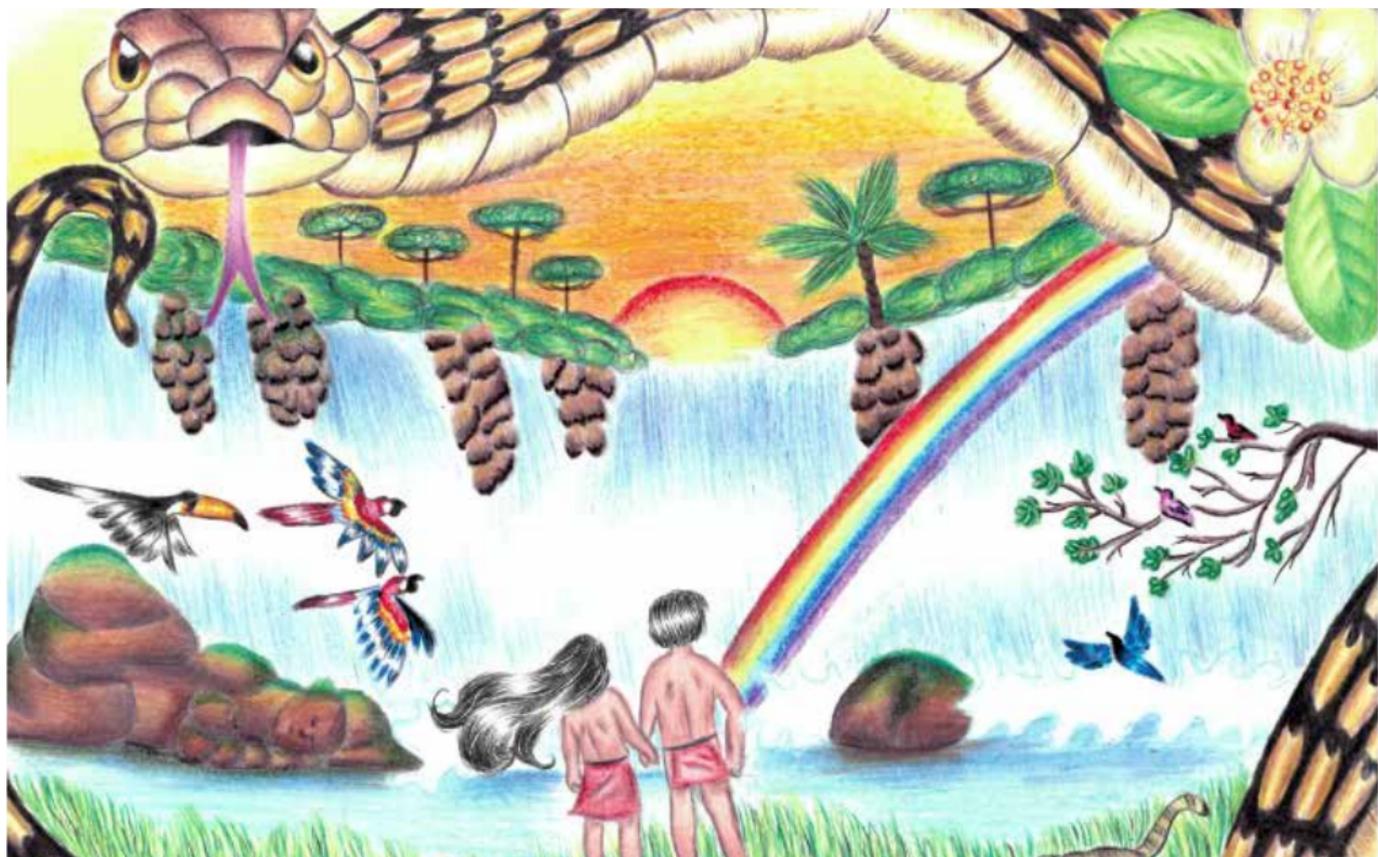
O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Itamara Beatriz Melo de Souza – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Barão do Rio Branco
Professora mediadora: Shirley Batista Jardim Donega
Jesuítas – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas Foz do Iguaçu – Paraná

Os índios Caingangues, que habitavam as margens dos rios Iguaçu e Paraná, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, ou Mbá, um deus que tinha a forma de uma serpente e era filho de Tupã. O cacique dessa tribo, chamado Igobi, tinha uma filha, Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava. Devido à sua beleza, Naipi foi consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que ao ver Naipi por ela se apaixonou. No dia em que foi anunciada a festa da consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam, Tarobá fugiu com a linda Naipi, numa piroga que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza. Quando M'Boy soube da fuga de Naipi e Tarobá ficou furioso. Penetrou, então, nas entranhas da terra e retorcendo o corpo produziu uma enorme fenda, que formou uma catarata gigantesca. Envolvida pelas águas dessa imensa cachoeira, a piroga dos índios fugitivos caiu de grande altura, desaparecendo para sempre. Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. E Tarobá foi convertido em uma árvore, situada à beira do abismo e inclinada sobre a garganta do rio. Debaxo dessa árvore acha-se a entrada da gruta, de onde o monstro vingativo vigia, eternamente, as suas duas vítimas.

Fonte: ficha preenchida por Dalmont Pastorello Benites. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Jeferson Pereira de Sousa – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Narcizo Mendes

Professora mediadora: Ediane Cristina Lopes de Souza
Santa Isabel do Ivaí – Paraná





LENDA DO VÉU DA NOIVA - PARANÁ

Lenda do Vêu da Noiva Paraná

Uma moça, filha de um fazendeiro que morava perto de um rio, onde havia uma linda cachoeira, gostava de um dos seus empregados e dizia que queria casar com ele. Usaria no seu casamento um véu bem comprido e largo. Seu pai, que era um homem ambicioso, a deu em casamento para um homem rico e desconhecido, que ela não conhecia. Ela, vendo que a data se aproximava e não conseguia de jeito nenhum terminar aquele noivado indesejável, foi à cachoeira, escorregou lentamente no lugar mais perigoso das pedras. Os seus longos cabelos, levados pelas águas, se abriram enroscando-se nas raízes e pedras e ela morreu. Quando acharam o corpo, chamaram aquele lugar de Vêu da Noiva.

Fonte:

fichas preenchidas por Aldenir Nunes Betim. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: João Vítor da Silva Scrimin – 1º ano
Colégio Estadual Maria Dalila Pinto
Professora mediadora: Paula Godoy Fialho
Santo Antônio da Platina – Paraná





LENDA DA MÃE DO OURO - FLORESTÓPOLIS - PARANÁ

Lenda da Mãe do Ouro Florestópolis – Paraná

A lenda da Mãe-do-ouro, no folclore brasileiro, é uma bola de fogo que indica os locais onde se encontram jazidas de ouro que não devem ser exploradas. Às vezes, pela madrugada essa bola de fogo se transforma também em uma belíssima mulher com um vestido longo de seda e com cabelos dourados refletindo luz e voando pelos ares.

Em alguns locais do Brasil, toma a forma de uma mulher bonita que habita cavernas, e, após atrair homens que maltratam as esposas, os faz largar suas famílias, mas trata de não deixar a mulher sofrendo, e coloca outra pessoa em seu caminho.

Existem muitos relatos de pessoas da minha cidade, Florestópolis, de já terem visto a bola de fogo pelas fazendas. As pessoas veem a bola e fogem. Um conhecido, caminhoneiro, relatou ter quase tombado seu caminhão carregado de toras quando se deparou com a bola de fogo enorme em meio à estrada de terra, e mais ao longe uma mulher dourada em chamas, ele acelerou o mais rápido que pôde e fugiu, até perdeu umas toras de sua carga, assim conta ele.

Fonte: "PROGRAMA DOMINGO EM FAMÍLIA". Disponível na internet em <https://www.youtube.com/watch?v=2ajlrgDuPRQ>

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: José Luiz Almeida Cordeiro – 2º ano
Colégio Estadual Prof.ª Eudice Ravagnani Oliveira
Professora mediadora: Bárbara Juliana Sorita Camilo
Florestópolis – Paraná





LENDA DA MULHER QUE FICAVA NA JANELA - NOVA FÁTIMA - PARANÁ

Lenda da Mulher que Ficava na Janela

Nova Fátima – Paraná

O povo falava que não podia ficar a noite toda acordada, mas a mulher ficava na janela, gostava de ficar olhando a rua. Uma noite, ela estava na janela e viu a procissão, mas era tão tarde e ela disse: “Ué, mas é tão tarde. Que procissão é esta?”. Mas ficou ali muito curiosa pra ver. Passou por ela e daí ela ficou olhando, passando por baixo da janela, pegou e deu uma vela pra ela, acesa, mandou ela guardar. Ela guardou. No dia seguinte, ela foi olhar e era um osso de defunto. A noite era dos mortos e não dos vivos, que não podia ficar acordada de madrugada, de noite, que a noite foi feita para os mortos, que não podia ficar vivo acordado.

Fonte:

Causos do Norte do Paraná – Volume 1 – Projeto Contação Histórias do Norte do Paraná.

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Juan Garrido Angieuski – 3º ano

Colégio Estadual Adelaide Glaser Ross

Professora mediadora: Vanda Aparecida de Campos Antunes

Nova Fátima – Paraná





LENDA DA NOIVA DE BOM SUCESSO - BOM SUCESSO - PARANÁ

Lenda da Noiva de Bom Sucesso Bom Sucesso – Paraná

Antigamente existia uma capela no alto de uma chapada, na cidade de Bom Sucesso. Conta a lenda que a capela foi construída em homenagem a uma moça que estaria noiva, porém, dias antes do seu casamento, seu noivo faleceu. Diz a lenda que ela ficou transtornada com a notícia, vestiu seu vestido de noiva e saiu pela mata adentro, sendo, então, atacada por uma onça, que a matou e levou o corpo para essa chapada.

Muito tempo passou e essa capela foi destruída por um incêndio, causado por uma usina de álcool. Dizem que após a queima da capela, uma moça vestida de noiva começou a assombrar os motoristas e tratoristas, que naquela área, à noite, trabalham. Tal lenda ficou tão arraigada, que a usina construiu outra capela no mesmo local onde a primeira foi destruída.

Fonte:

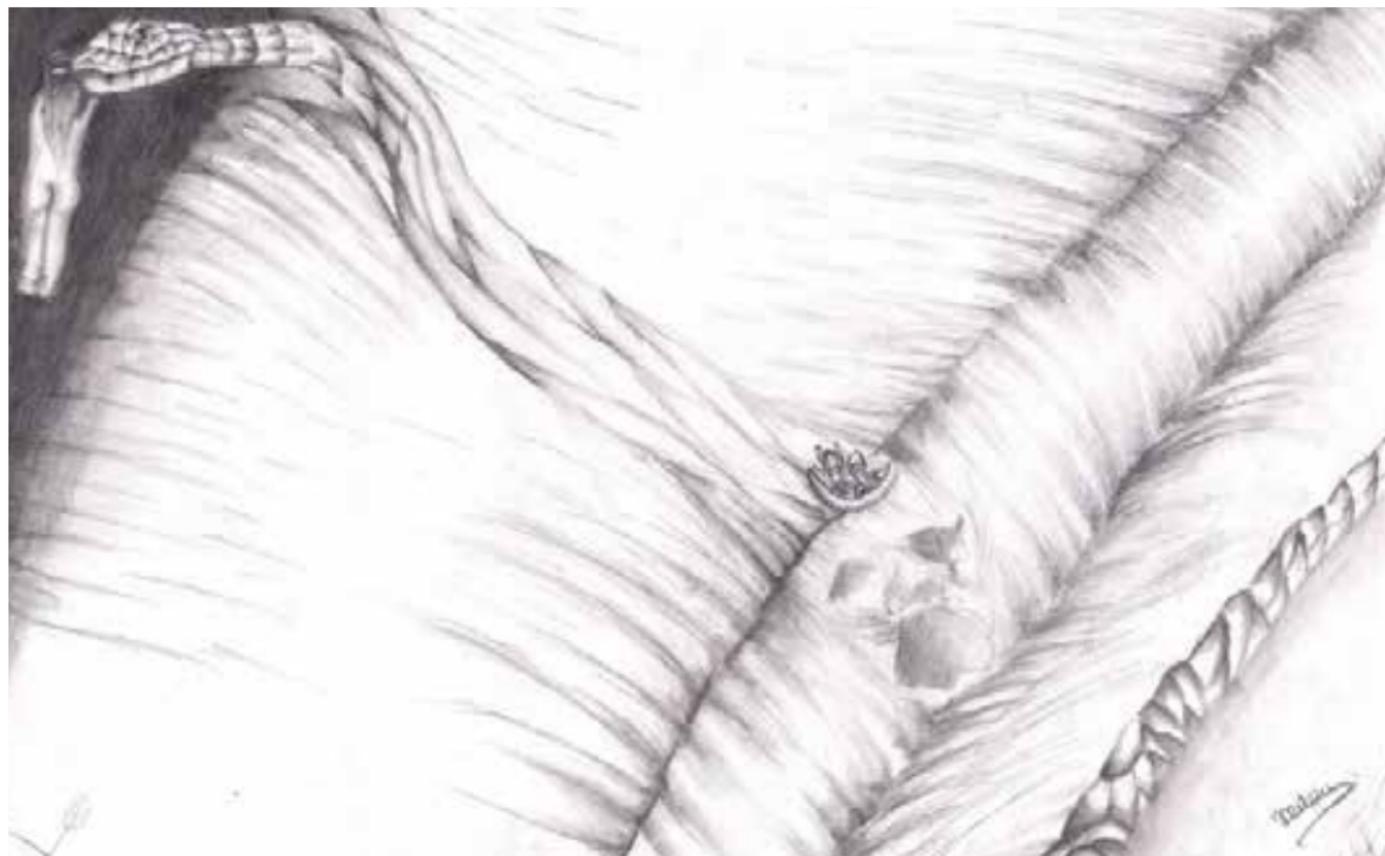
Ficha preenchida por Mauro Xavier Ferreira. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Julia de Souza Scaramal – 1º ano
Colégio Estadual Machado de Assis

Professora mediadora: Francislene Sabaini Ramos Salmen
Sertanópolis – Paraná





LENDA DAS CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ

Lenda das Cataratas – Foz do Iguaçu – Paraná

O Iguaçu pertencia a M'boi. Tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Caingangue resolveu fazer trato com o deus-serpente. M'boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'boi. Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue. Muitos queriam se casar com Naipi. E começaram as lutas. Tarobá, um jovem forte e belo, foi o vencedor. M'boi viu Naipi e pediu a moça para ele. Tarobá não quis. M'boi desfez trato com índio. A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para beira do Iguaçu. Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá. Mas o Iguaçu era de M'boi. O Iguaçu obediente, lançou-se na imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e transformou Naipi na espuma das águas. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/prodacoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Kaynan Mits de Oliveira Shimen – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Barão do Rio Branco
Professora mediadora: Shirley Batista Jardim Donega
Jesuítas – Paraná





ARTISTA PARANAENSE: NESTOR VICTOR - PARANAGUÁ - PARANÁ

Artista Paranaense: Nestor Victor Paranaguá – Paraná

Nestor Victor dos Santos nasceu no dia 12 de abril de 1868, em Paranaguá (PR). Após completar o primário, mudou-se para Curitiba, onde estudou no Instituto Paranaense. Fez parte da campanha de libertação dos escravos, como secretário da Confederação Abolicionista do Paraná. Foi um dos fundadores do Clube Republicano de Paranaguá. Em 1888, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde frequentou o Curso Anexo à Escola Politécnica do extornado João de Deus. Recusou o cargo de oficial de gabinete de Américo Lobo, então presidente do Paraná, passando a chefiar o "Diário do Paraná", periódico oposicionista. Desgostoso com a política reinante, seguiu viagem de negócio pelo interior de Santa Catarina. De volta ao Paraná, permaneceu em Paranaguá. Em 1891, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na imprensa. Publicou em 1897 o primeiro livro "Signos" (contos); depois, uma monografia sobre Cruz e Souza, e o curto poema "Cruz e Souza"; "A Hora", "Transfigurações" (versos); "A crítica de ontem"; "Paris", "A terra do futuro"; "O elogio da criança"; "Três romancistas do Norte"; elogio dos mortos José Veríssimo, Dias da Rocha Filho e Farias Britto; "Carta ao Paraná"; "O elogio do amigo" etc. Colaborou nos periódicos "Cidade do Rio", "Jornal do Comércio", "O País" etc. Em 1902, Nestor Victor partiu para a Europa como correspondente de "O País" e do "Correio Paulistano". Também trabalhou no Consulado do Brasil em Paris. Fazia traduções e revisões para a livraria Garnier. Ao rebenatar a grande guerra em 1914, Nestor Victor foi um dos fundadores da Liga Brasileira pelos Aliados, da qual foi o primeiro secretário. Ao final da luta, foi condecorado pelo Rei da Bélgica. Faleceu no dia 13 de outubro de 1932, no Rio de Janeiro.

Fonte: Informações retiradas do livro "130 anos de vida Parlamentar paranaense", 1954, de Maria Nicolau. Disponível em: <http://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/473-nestor-victor-dos-santos>. Acesso em 10 de junho de 2019.

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Maria Eduarda Freitas Machado – 1º ano
Colégio Estadual Helena Viana Sundin
Professora mediadora: Karine Cristina Galdino Silveira
Paranaguá – Paraná





LENDA DA ARAUCÁRIA - PALMEIRA - PARANÁ

Lenda da Araucária Palmeira – Paraná

Era uma vez duas tribos de índios inimigos. Um certo dia o caçador da tribo foi caçar e encontrou uma onça; ali também estava a curandeira da tribo inimiga, pela qual havia se apaixonado. O índio matou a onça e se aproximou da índia, que se assustou e acabou desmaiando. Os índios da tribo inimiga encontraram os dois ali, o índio à beira do rio com a índia nos braços, pensaram mal do que viram e o mataram a flechadas. Ele morreu cheio de flechas pelo corpo. Diz a lenda que ele se transformou numa araucária e a índia numa gralha-azul e as gotas de sangue que pingaram eram os pinhões que a gralha-azul enterra. As flechas eram os espinhos e o índio, a árvore.

Fonte:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_port_pdp_marcia_aparecida_locomann.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Maria Leticia Lima Izaldino – 1º ano

Colégio Estadual Polícia Militar do Paraná

Professora mediadora: Andreza Staiger Andreo Naves de Souza

Cornélio Procópio – Paraná





LENDA DA NOIVA DA LINHA DO TREM - PARANÁ

Lenda da Noiva da Linha do Trem Paraná

Há alguns anos, uma moça que estava prestes a se casar com um dos rapazes mais ricos e cobiçados das redondezas saiu tarde da casa do noivo, localizada na rua principal da cidade, onde ultimava os preparativos para o casamento. Ao cruzar a estrada de ferro, foi surpreendida pelo trem e, momentos depois, jazia inerte e sem vida sobre os trilhos. Era, mais ou menos, meia-noite quando o acidente aconteceu. Muitas pessoas juram que ao cruzar a ferrovia à noite, já viram uma mulher vestida de noiva andando sobre os trilhos, e quando alguém mais corajoso se aproxima ela some em um piscar de olhos.

Fonte:

Lendas e Contos Populares do Paraná/ coordenador Renato Augusto Carneiro Jr.; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro, José Luiz de Carvalho, Juliana Calopreso Braga, Myriam Sbravati. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Miriellen Henrique Santana – 3º ano

Colégio Estadual Tiradentes

Professora mediadora: Tatiane Rosseto

Cafetal do Sul – Paraná





LENDA DO FANTASMA QUE CHICOTEIA PESSOAS - JACAREZINHO - PARANÁ

Lenda do Fantasma que Chicoteia Pessoas Jacarezinho – Paraná

A cidade de Jacarezinho atualmente tem uma rua chamada Costa Junior, mas para algumas pessoas mais antigas da região o nome está associado a uma lenda paranaense bem macabra. Contam causos estranhos que ainda acontecem nas terras que pertenceram ao coronel, hoje essas terras pertencem à usina de cana de Jacarezinho. Diz a lenda que o Coronel Costa Junior, extremamente rico e apegado a tudo que tinha em suas terras, não conseguia se desfazer de nada, era rico e bem ruim, tinha o costume de usar o chicote quando contrariado. Algumas vezes contratava gente, pagava, depois em tocaia as matava pra reaver seu dinheiro Um pouco antes de morrer, fez acordo com sobrenatural para se tornar um corpo seco, e não se afastar de suas terras. Então, existe muita gente contando que precisa pedir autorização para entrar em suas terras, senão corre o risco de aparecer em suas costas marcas desconhecidas. Certa vez, um senhor da região foi buscar lenha. Demorou muito e o encontraram no mato desmaiado e seu burro empacado, foi necessário devolver tudo para saírem dali.

Fonte:

<https://www.folhaextra.com/noticia/costa-junior-e-noiva-da-estrada-norte-pioneiro-e-recheado-de-lendas-e-historias>

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Rafael F. Ribeiro – 4º ano (Técnico profissionalizante) Colégio Estadual Rui Barbosa
Professora mediadora: Izabel Joana de Andrade Moreno
Jacarezinho – Paraná





POETISA PARANAENSE: HELENA KOLODY - PARANÁ

Poetisa Paranaense: Helena Kolody Paraná

Helena Kolody, um dos nomes mais expressivos da poesia contemporânea do estado, nasceu em Cruz Machado, Paraná, no dia 12 de outubro de 1912. Filha de imigrantes ucranianos que se conheceram no Brasil, com um ano de idade mudou-se com a família para Três Barras do Paraná, em seguida morou em Rio Negro e depois fixou residência em Curitiba.

Com 12 anos, Helena escreveu seus primeiros versos. Em 1928, com 16 anos publicou o poema "A Lágrima", na revista "Marinha", de Paranaguá, a maior divulgadora de sua obra. Coursou a Escola Normal de Curitiba, e a partir de 1931, já formada, lecionou em diversas escolas, e por fim, lecionou na Escola Normal de Curitiba durante 23 anos.

Em 1941 publicou seu primeiro livro "Paisagem Interior", com 45 poemas, entre eles três "haicais", o primeiro: "Arco-íris": Arco-íris no céu./Está sorrindo o menino/Que há pouco chorou. Era a primeira vez que uma mulher publicava haicais no Brasil. Desde então, dedicou grande parte de sua vida a escrever poesias. Recebia críticas por não ter rima nos haicais, mas mesmo assim continuou publicando essa forma de fazer poesia. Em 1945, no segundo livro "Música Submersa" publicou o mais famoso deles, "Pereira em Flor": De grinalda branca,/Toda vestida de luar,/A pereira sonha.

Em 1985, Helena Kolody recebeu o Diploma de Mérito Literário da Prefeitura de Curitiba. Em 1988, foi criado o "Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody", realizado anualmente pela Secretaria da Cultura do Paraná. Em 1989, o Museu da Imagem e do Som do Paraná gravou e publicou um depoimento da poetisa. Em 1991 foi eleita para a cadeira nº 28 da Academia Paranaense de Letras. Em 2003, Helena recebeu o título de "Doutora Honoris Causa" pela Universidade Federal do Paraná. Faleceu em Curitiba, no dia 15 de fevereiro de 2004.

Fonte: https://www.pensador.com/autor/helena_kolody/biografia/

Ensino Médio

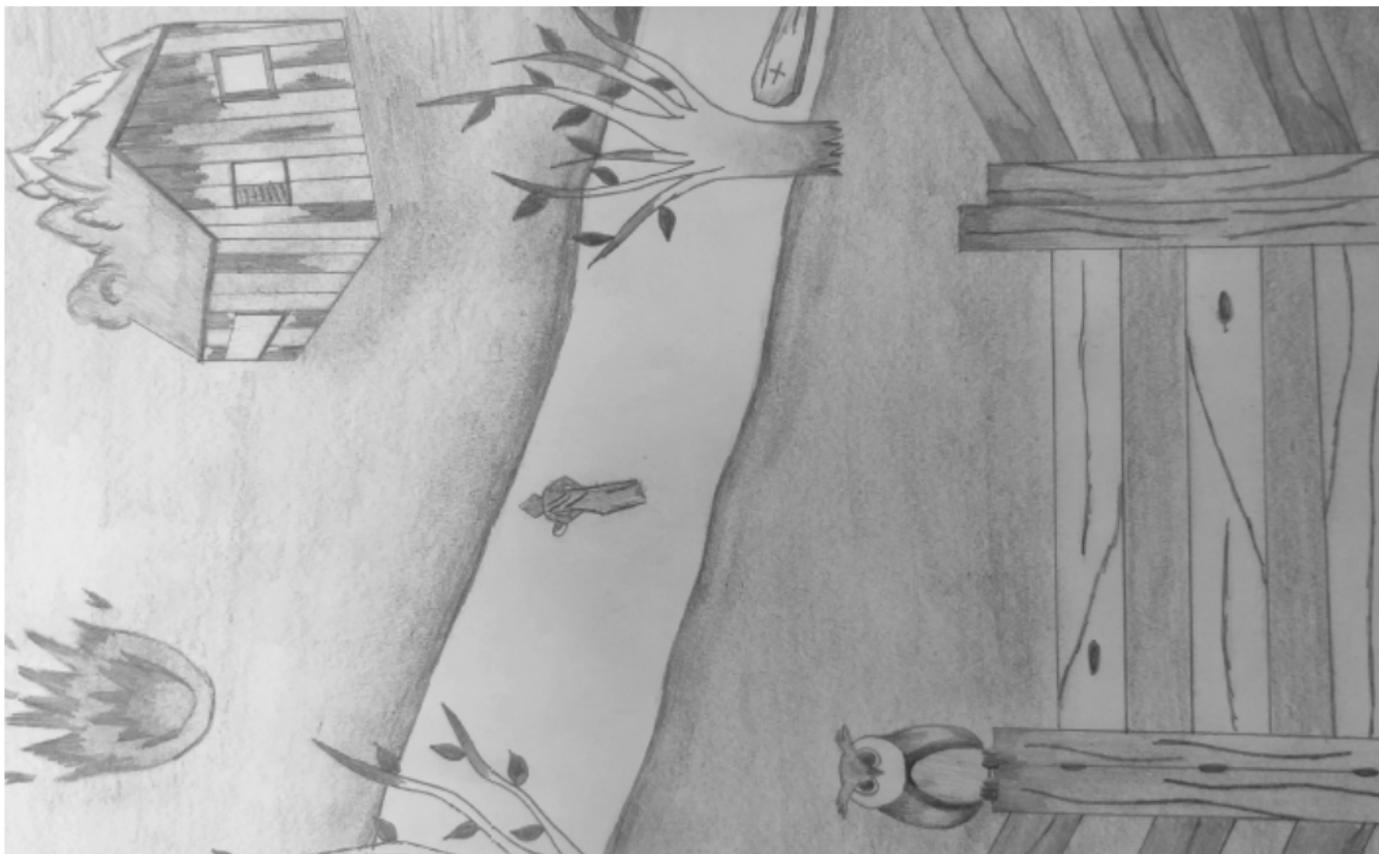
Ilustrado pela aluna: Rafaely Marcondes Guerra – 1º ano

Colégio Estadual Polícia Militar do Paraná

Professora mediadora: Andreza Staiger Andreo Naves de Souza

Cornélio Procópio – Paraná





LENDA DA BOLA DE FOGO - ANTÔNIO OLINTO - PARANÁ

Lenda da Bola de Fogo Antônio Olinto – Paraná

Dizem que antigamente no município de Antônio Olinto, mais precisamente na localidade do Imbuial, havia muitas visagens. À noite, escutavam-se os gritos e choros delas. Meu avô conta que saía e via uma mulher com uma criança correndo pela estrada, pois sua casa estava pegando fogo; se andasse mais um pouco via um porco muito bravo com as presas de fora, que atacava as pessoas e mordia.

Logo depois, no portão velho, havia uma coruja que andava seguindo as pessoas e gritando. Dizem ainda, que existia um caixão no meio da estrada que assustava os transeuntes que ali passavam. O pior delas era uma bola de fogo que andava devagar ou rápido pelo céu, atacava e queimava as pessoas.

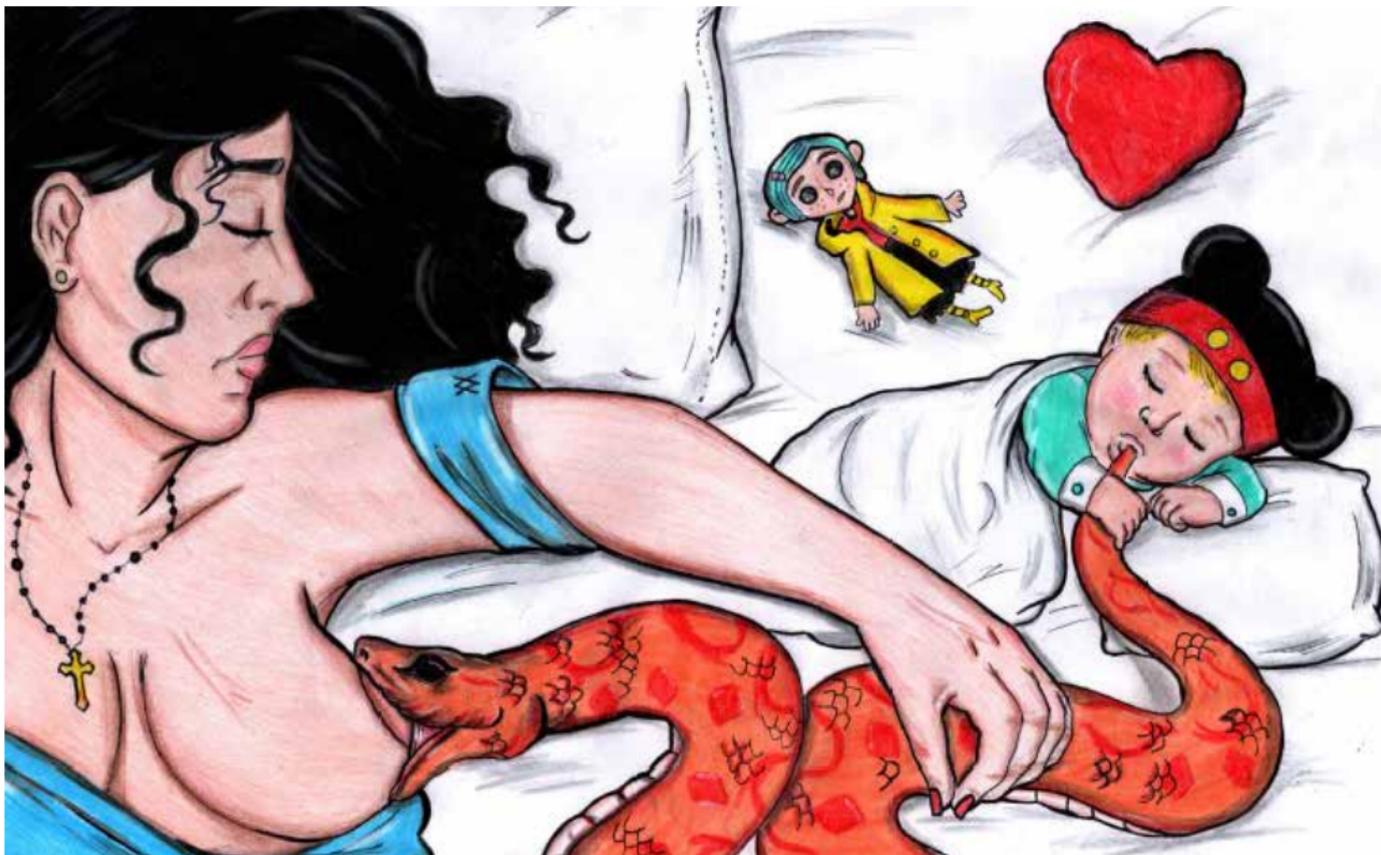
Fonte:

SCHWARTZ, Maria Knapik. Causos, Fatos e Lendas, Antônio Olinto, Colégio Est. Duque de Caxias, 2002. (relatado por Ditão Ferreira Grittem, escrito por Jackson Grittem)

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Rayssa Trafca – 2º ano
Colégio Estadual do Campo Duque de Caxias
Professora mediadora: Josiele Siqueira Marcolino
Antônio Olinto – Paraná





LENDA A COBRA - PARANÁ

Lenda A Cobra Paraná

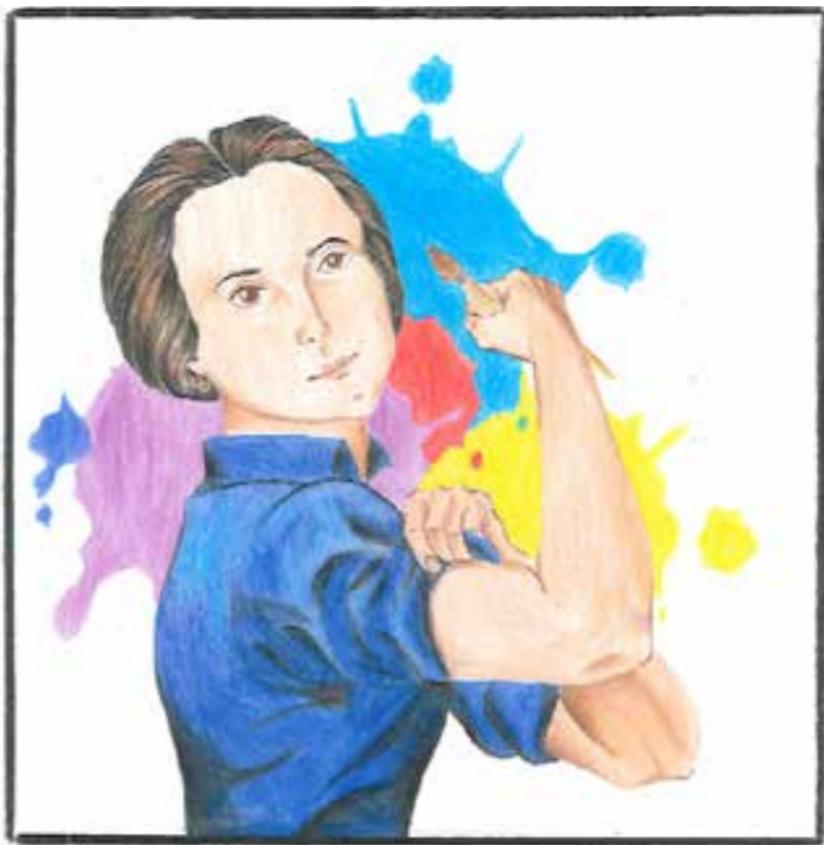
Há muitos anos, uma família humilde que morava numa casa simples, de chão batido, foi vítima da maldade de uma cobra. A senhora tinha uma filha recém-nascida e, quando ia amamentar o bebê, a cobra as hipnotizava e se alimentava do leite da senhora, enquanto dava o seu rabo para a criança chupar, assim a criança não chorava. Desconfiado, seu marido resolveu sondá-las, ao perceber que sua filha tinha assaduras em toda a boca. Certa noite, sua desconfiança se confirmou, havia uma cobra se alimentando do leite materno da criança e, ao satisfazer-se, voltava para o seu lugar. Neste momento, o marido da vítima matou a cobra, mas, infelizmente, a filha nunca se livrou da consequência de tal fato, pois ao morrer com seus setenta anos ainda possuía as assaduras na boca.

*Fonte: narrada por Ana Clara Guimarães para Milena Guimarães Gliski.
Ficha preenchida por Vilácio Amaral. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf*

Ensino Médio

Ilustrado pelo aluno: Santiago da Silva Machado – 3º ano
Colégio Estadual José Sarmento Filho
Professora mediadora: Rosenilda Abreu Gonçalves
Iretama – Paraná





ARTISTA: IRIA CORRÊA - PARANAGUÁ - PARANÁ

Artista: Iria Corrêa Paranaguá – Paraná

Iria Corrêa foi uma paranguara nascida em 1839, ela teve a oportunidade de estudar em um período em que a educação no Paraná era algo destinado a poucos, sendo que esses poucos eram na maioria homens. Ela foi favorecida por sua condição social, já que era proveniente de uma família abastada, o que lhe assegurou a possibilidade de se dedicar à pintura de retratos, paisagens e natureza morta. Mas é estranho que poucas pinturas de Iria Corrêa chegaram até o nosso tempo, muitas delas são de paradeiro desconhecido.

O retrato de Joaquina Correia Guimarães, um "óleo sobre tela" é um dos retratos mais conhecidos de Iria Corrêa. Joaquina era prima de Iria e seu retrato original tem um fundo acinzentado, trajes que cobrem todo o corpo com alguns detalhes que denotam uma posição social elevada, lhe é atribuído um sorriso leve e no pescoço um adereço diferente, um pequeno retrato masculino, o que pode indicar a autorização dada pelo "homem da família" para que ela fosse retratada para posteridade ou então o fato de ser casada. O que mostra uma posição de submissão da mulher frente aos homens na sociedade paranaense oitocentista.

Nossa representação é uma mescla do retrato de Joaquina Correia Guimarães, feito por Iria Corrêa, com o cartaz estadunidense "We can do it!", que traduzido diz "Nós podemos fazer isso!", uma referência à chegada definitiva das mulheres no mundo do trabalho no período da Segunda Guerra Mundial e a busca pelo rompimento da desigualdade de gênero. Esse cartaz é uma das imagens mais recorrentes no universo feminista. Assim, buscamos dar voz e força para Joaquina Correia Guimarães, assim como uma aura colorida de vida e o rompimento dos laços patriarcais ao retirar a representação masculina da cena.

Fonte: BADEP, Panorama da Arte no Paraná. 1 – Dos precursores à escola Andersen. Curitiba, 1975.

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Shayene de Sá Stecanela – 2º ano (EM Integrado)

Instituto Federal do Paraná

Professor mediador: Paulo Roberto Kruger

Ivaiporã – Paraná





LENDA DO CAMPO MAL-ASSOMBRADO - FRANCISCO BELTRÃO - PARANÁ

Lenda do Campo Mal-assombrado Francisco Beltrão – Paraná

Até 1957, a Companhia Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. – CITLA, tinha acabado com tudo: a cidade tinha parado de crescer. Ninguém se sentia protegido, seguro para investir nas propriedades, com aquela jagunçada andando por ali. Isso não foi só em Francisco Beltrão, mas aconteceu de Capanema a Santo Antônio. Quem comandou a revolta dos moradores contra a CITLA foi o Dr. Walter Pecois. Deu muita sorte e da jagunçada ninguém tinha nome, era tudo apelido, era Maringá, Mato Grosso, Chapéu de Couro Dente de Ouro. Eles pegavam homens para trabalhar e na hora de pagar, matavam. Onde fica O campo de aviação enterraram algumas pessoas. Dizem que muitos pilotos, na hora de aterrissar, já viram vultos assustados saindo do chão.

Fonte:

Prosa vai, prosa vem, segundo Vitório Traiano. Ficha preenchida por Tânia Maria Penso Ghedin. Disponível em: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Sidiane Grasieli Stein – 2º ano
Centro da Juventude de Francisco Beltrão
Educadora mediadora: Suélen Patricia Leal Pereira
Francisco Beltrão – Paraná





LENDA DA CHARÍA, A ONÇA CELESTE - PARANÁ

Lenda da Charía, a Onça Celeste Paraná

Charía, (ou Anhá) é um espírito maléfico pertencente à mitologia tupi-guarani. Os tupis-guaranis relatam que os eclipses solares e lunares ocorrem porque esse espírito representado por uma onça celeste, sempre persegue os irmãos Guaraci e Jaci (Sol e Lua) que o importunam. Charía se localiza em dois lugares opostos do céu e seu olho direito é representado por duas estrelas vermelhas: Antares da constelação do escorpião e Aldebaran da constelação de Touro. Essas constelações ficam em oposição no zodíaco, onde passa o Sol, a Lua e os planetas observados da Terra.

Uma noite por mês, a Lua aproxima-se de Antares e de Aldebaran, e o Sol chega perto dessas estrelas vermelhas um dia por ano, podendo ocorrer eclipses. Na ocasião dos eclipses, os tupis-guaranis fazem uma grande algazarra com o objetivo de espantar a onça celeste, pois acreditam que ela pode matar o Sol e a Lua. Se isso acontecer, a Terra cairá na mais completa escuridão e ocorrerá o fim do mundo.

Fonte:

Portal dos Mitos. Disponível em: <http://portal-dos-mitos.blogspot.com/2018/03/charia-onca-celeste.html>

Ensino Médio

Ilustrado pela aluna: Sthefany Ramos Lima – 1º ano

Colégio Estadual São José

Professor mediador: Silvio Alves de Almeida

Lapa – Paraná



Concurso
Entre Lendas do Paraná
2ª edição | 2019

Blank area for student name and school information.
